

E. N. L.
16. MAI 1975
DEP. LEG.



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO
ANO 18.º

SÁBADO, 14 DE DEZEMBRO DE 1974

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO
AVENÇA N.º 925

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO
OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254 LISBOA — TELEF. 361839 FARO — TELEF. 22322 AVULSO 2550

UM DEVER E UMA ARMA

AINDA que pareça exagero, nunca serão demais as palavras de alerta para que todos façam o seu recenseamento até 29 de Dezembro. Todos os que têm direito ao voto jamais se devem escusar a assumir tal obrigação porque, além de um dever cívico é também uma arma pois através do recenseamento sabemos qual o número de portugueses aptos a escolher

uma Assembleia Constituinte. E se a todos este período importa, muito especialmente respeita a quem deseja uma Constituição Política democrática e assim o POVO há-de vir a demonstrar, uma vez que os caminhos da Democracia são os caminhos da justiça e do futuro do nosso País. Escusar-se ao recenseamento é voltar costas aos interesses da PÁTRIA liberta, é negar-se a colaborar, mais tarde, na fase maior

da arrancada do 25 de Abril, é recusar a arma que nos dão para, como cidadãos livres e conscientes, nos batermos por uma autêntica Constituição Política. Ser consciente é não se alhear deste dever que outrora era negado a muitos e que só veio a alargar-se a tantos, depois de lutas e de revoltas sucessivas. Ninguém esquece que até a própria Declaração dos Direitos do Homem, embora aprovada e aceite não se cumpre em tantos e tantos países! Se Portugal desperto nos chama ao recenseamento e se, após ele, as eleições virão a reflectir a escolha dos caminhos

por Maria de Olhão

do futuro, que ninguém se absteinha de se inscrever e de ajudar os outros a cumprirem o mesmo dever. Lancemos fora o velho comodismo e não inventemos, tardiamente, as desculpas mentirosas que, desta feita, ninguém aceitará nem perdoará. A hora é de todos e, só cumprindo cada um o seu dever, poderá, ganhando consciência do programa de cada partido, escolher o que melhor lhe pareça; então, sim, usará conscientemente a arma de que dispõe: o Voto.

A CONSTRUÇÃO CIVIL E O DESEMPREGO

por Manuel Faria

NUM país pouco industrializado, como o nosso, não andará muito afastado da realidade quem considerar a construção civil, como indústria-chave. É que além das duas centenas de milhares de trabalhadores que a mesma normalmente, pode absorver, há que considerar que à construção civil, estão ligadas muitas outras indústrias, como por exemplo, a do cimento, cerâmica, madeiras, ferragens, tintas, etc. Se as que atrás citámos dependem quase na totalidade da indústria-mãe, muitas outras há a beneficiar ou a ressentir-se do seu maior ou menor labor. Ninguém por certo val ignorar o grau de influência existente entre a construção civil e as indústrias de plásticos, mobílias, electrodomésticos, máquinas, ferramentas, camionagem e tantas outras.

influência que a construção civil pode transmitir ao sector bancário. Estamos em crer que nos últimos

(Conclui na 8.ª página)

Se tentarmos ir mais além, sem dúvida havemos de nos quedar, por uns instantes, apreciando a vasta

Tomou posse a Junta de Freguesia de Castro Marim

NOS Paços do Concelho de Castro Marim, tomaram posse os membros da Junta de Freguesia local, srs. António Vítor Severo Martins, José Manuel Torrado de Sousa e José Ferreira Bandarra. Foram também empossados os regedores das freguesias de Odeleite, Azinhal e Castro Marim, respectivamente srs. João Madeira Rosa, Ezequiel Viegas e João Madeira.

Estes actos registaram a presença de muito público, aos mesmos presidindo o sr. tenente José Manuel Salvador Martins, presidente da Comissão Administrativa do Município castro-marinhense.



O comandante Pedro Pires esteve em Lisboa, desta vez à frente duma delegação de Cabo Verde, para tratar de novo passo da nossa política de descolonização, tendo entablado conversações com diversas entidades governamentais.

Dinamização cultural do Algarve

DE acordo com o Programa do Movimento das Forças Armadas, com vista à dinamização cultural das populações e seu esclarecimento, têm vindo a efectuar-se no Algarve sessões promovidas pela Comissão Dinamizadora Regional, constituída por três membros da V Divisão do Estado Maior General das Forças Armadas, srs. capitão Cândido Pinto Moleiro, 1.º tenente Amarel Pereira e tenente Laginha Serafim e por três civis, srs. José Manuel Oliveira (Círculo Cultural do Algarve), Valter Lampreia Contreiras (Atlético de Loulé) e Cipriano Correia (Recreativa Progresso Olanense). Tem sido desenvolvida grande actividade no sentido de levar às massas populacionais, em especial de algumas zonas mais afastadas das fontes culturais, o esclarecimento e a informação necessários nesta hora da vida do País.

Efectuaram-se já sessões em Ametxial (Loulé), Parizes (São Brás de Alportel), Fuseta (Olhão), Parragil (Loulé), Almansil (Loulé), Corotelo (São Brás de Alportel), Quarteira (Loulé), Montenegro (Faro), Areiro (Loulé) e Alportel (São Brás de Alportel), além de outros locais da Província. As sessões têm constado da projecção de filmes, entre os quais «Charlot agiota»; «Na senda das

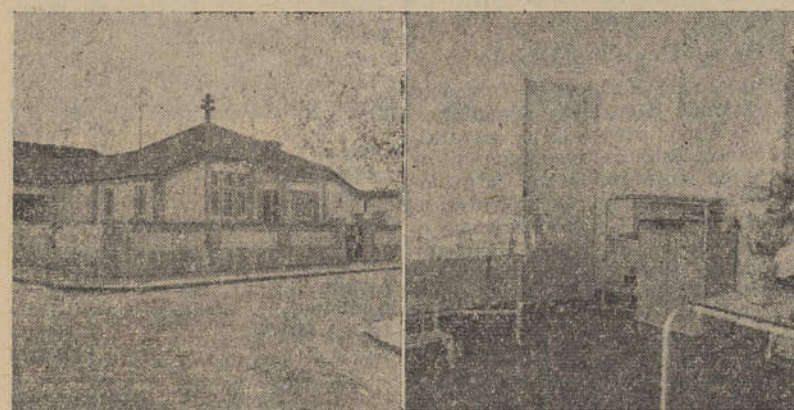
(Conclui na 3.ª página)

TEMAS EM DEBATE QUANDO NÃO SE QUER COLABORAR

Rigorosamente, estamos em vésperas do início das Férias de Natal e rigorosamente, também, alguns estabelecimentos de ensino ainda não iniciaram o trabalho, enquanto outros acabam de abrir as portas. Contra esta má vontade evidente que alastra a todo o ensino, a todos os níveis, e que provocou a saída de um dos ministros da Educação mais capazes que já tivemos — Magalhães Godinho — pergunta-se: Que acontece neste sector? Porquê tal confusão? A quem prejudica todo este atraso? Sucede que de repente, de um dia para o outro, no ensino como noutros campos da vida nacional, surge o premente problema de tudo resolver com o maior desafogo e certeza, agora que há liberdade de acção. Nada de contemporizações (já chegaram os 48 anos de fascismo!) e vá de reivindicar aquilo que sempre pudemos dispensar até surgirem melhores dias. E assim, simultaneamente ocorrem problemas idênticos nas várias tonalidades da vida portuguesa só porque o 25 de Abril deu a todos a convicção de que, em democracia, podemos exigir regalias, igualdades de tratamento etc., etc. sem podermos apresentar a contrapartida da nossa acção, ou, pelo menos, sem sermos a isso obrigados.

Lançados nesta livre experiência democrática, só haverá que rever alguns preconceitos, como o de que é necessário continuar a trabalhar e a produzir, até mais do que antes, porque o País precisa do nosso esforço redobrado. Parece que poucos se compenetraram dessa necessidade e continuam a impor condições impossíveis para se decidirem a trabalhar. Já ouvimos advogar a opinião, a respeito de determinada escola que não reabria as aulas, de que os professores deviam ir para as brigadas de alfabetização do MFA e os alunos para os serviços cívicos.

Há efectivamente quem não esteja interessado em colaborar nesta jornada de reconstrução nacional em que todos deveríamos estar empenhados. Esses são os verdadeiros inimigos do povo e os agentes da reacção. — M. B.



O dispensário do I. A. N. T. em Vila Real de Santo António e a sua sala de consultas

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO QUE REALIDADE? (3)

NA continuação de uma análise da realidade vila-realense, avançamos hoje com esse processo e, desta vez, pretendemos abordar o problema «Segurança social e saúde», um tema vasto, um tema onde se verifica, porque a isso corresponde, a evolução da medicina

por Sousa Pereira

em Portugal ao longo dos 48 anos de fascismo. O governo salazarista-marcelista nunca demonstrou qualquer interesse pela valorização dos serviços de assistência e saúde, e notamos isto se verificarmos as verbas que destinava a este campo: 2,8% do P. N. B. (claro, a guerra colonialista tinha que subsistir de alguma forma). A assistência médica era feita através de uma forma caritativa, a cargo de certas Casas de Misericórdia e nunca houve em Portugal uma política de saúde orientada no sentido de proteger e elevar o nível sanitário do País.

Mas, vejamos o caso de Vila Real de Santo António. Que se passa? Quando um novo hospital?

HOSPITAL MARQUÊS DE POMBAL

Estivemos no Hospital Marquês de Pombal, o único que existe em Vila Real de Santo António, com uma lotação de 24 camas, e dois quartos particulares.

(Conclui na 8.ª página)



pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

NATO, DEFESA, ECONOMIA E DESCOLONIZAÇÃO

O CONSELHO Ministerial da NATO esteve reunido esta semana em Bruxelas, tendo como panorama questões de defesa que interessam principalmente os países mais atingidos pela crise económica, entre os quais Portugal. Embora tivéssemos participado nas conversações militares, não estivemos presentes na reunião da Comissão dos Planos Nucleares, devido ao problema levantado por Washington de existir em Lisboa um ministro

(Conclui na 3.ª página)

O Grupo de Teatro Lethes em Évora

NO Teatro Garcia de Resende, em Évora, actuou o Grupo de Teatro Lethes, de Faro, apresentando em estreia a peça «Pide, história da repressão». Trata-se de um texto com base nos comunicados emitidos pela Comissão Nacional de Apoio aos Presos Políticos e editados em livro pelo nosso prezado colega «Jornal do Fundão».

O conhecido elenco farense que se deslocou a Évora a convite da Sociedade Joaquim António de Aguiar, apresentará em breve em Faro e no âmbito do «Festival do Teatro Livre» a peça agora estreada naquela cidade alentejana, com encenação e direcção do dr. Campos Coroa, director artístico do Grupo de Teatro Lethes.

NOTA da redacção

E MUITO grave o que se passou em Olhão. Não interessa que tenha sido com simpatizantes do Centro Democrático Social ou de qualquer outro partido. O que se passou deixou de ter aspecto político para constituir crime reprovável.

Foi um atentado autêntico às normas da coexistência, às liberdades cívicas, ao direito de reunião. Houve agressão premeditada e roubo por um grupo de cidadãos a outro grupo que se encontrava reunido. Os agressores caem sob a alçada da lei, que tem de actuar porque a defesa de cada um assim o exige.

Andamos exaltados a apregoar democracias e liberdades e recusamos ao nosso semelhante esses direitos. Em nome de quê e de quem? Como proclamar, neste momento, que a Justiça defende Direitos ou Esquerdas ou Centros?

Substituímos um regime de opressão por outro de terror? Em nome de que princípios actuam

A JUSTIÇA PARA QUEM DE DIREITO

agora os justiceiros? Será que nenhum deles reconhece, neste momento, o direito ao diálogo, uma das condições para acabar com o fascismo no nosso País?

Se o programa do Movimento das Forças Armadas não está a ser observado por algum movimento político, há que denunciá-lo a quem de direito; se há ainda em liberdade pessoas demasiado comprometidas com organizações fascistas como Pide/DGS, Legião Portuguesa e ANP, que sejam informadas as respectivas comissões de saneamento; se há conspiradores que se preparam para atrair o 25 de Abril, as autoridades deverão ser alertadas.

Mas nada de nos armarmos em polícias e em algozes, em democratas e em justiceiros. Não lancemos maior perturbação num clima já de si excitado pelo calor da controvérsia política.

FARO CIDADE DO PÓ E DA LAMA

por Luís Alberto Guerreiro

HA certas coisas que neste Algarve em vias de democracia, se vão tornando descabidas. Assim, por exemplo quando será que esta exótica Província tem direito a uma capital esteticamente decente? Para que uma cidade de Faro diferente da que estamos habituados — e é pena que estejamos habituados — a suportar?

Uma capital tem de se orgulhar de algo que lhe mereça a distinção, ainda que da capital de um distrito se trate.

Sabemos que herdámos do antigo regime uma cidade de Faro sem esgotos ao nível da era em que vivemos. Sabemos isso. E sabemos também que muitas mais coisas há para «remendar» em Faro, e não só. Mas, vejamos: há cinco anos que percorro mais ou menos diariamente as ruas da cidade. E desde há cinco anos que me lembro de ter vindo a ver essas mesmas ruas abertas, revoltas, arenosas, com o trânsito desviado para ruelas que nem de carroças são dignas.

Sabemos que é assim. E compreendemos. Mas o que parece não se compreender é que as mesmas ruas sejam de novo abertas, mal acabam de ser pavimentadas. E, perante este absurdo, eu pergunto: não haverá realmente uma solução? Teremos de aguentar eterna-

(Conclui na 3.ª página)

A saúde é a maior riqueza

O «FILHO ÚNICO»

O isolamento em que é criado o «filho único» traz para ele situações desagradáveis e males muitas vezes irremediáveis. Já se verificou que somente 13% dos «filhos únicos» procuram participar das brincadeiras escolares. Essa falta de convívio social do filho pode ser evitada pelos pais, desde que o ponham em contacto com outras crianças que lhe sirvam de companhia.

Evite as más consequências do isolamento do seu «filho único», acostumando-o ao convívio de outras crianças.

NOTÍCIAS DE FARO

PRACETA LYSER FRANCO

Há anos foi dado o nome do pintor Lyster Franco a uma praceta no Bairro da Estação, sendo ali inaugurado um singelo monumento para perpetuar a memória do que em vida foi além de grande pintor, um notável escritor e distinto professor, tendo igualmente exercido durante muitos anos o cargo de director das extintas escolas de Pedro Nunes e Tomaz Cabreira, cargo de que foi destituído, segundo cremos, por não ser afecto ao regime fascista de então, já que o pintor Lyster Franco era grande democrata.

A referida praceta que em tempos teve um agradável ajardinamento, encontra-se há dois ou três anos votada ao abandono, como qualquer terreno baldio, servindo agora de estaleiro para as obras que a OPCA tem naquela zona e encontrando-se o monumento todo sujo de alcatrão.

Antes do 25 de Abril falou-se, numa sessão da Câmara, que estava a ser elaborado pelo arquitecto camarário um projecto para o calcetamento da praceta. Por isso, talvez não fosse descabido que a actual Comissão Administrativa se

debruçasse sobre o assunto, para dar à Praceta Pintor Lyster Franco um aspecto mais condigno.

INSTRUÇÃO

Uma comissão de estudantes do Ensino Técnico dirigiu telegramas ao primeiro-ministro, ministro da Educação e Cultura, governador civil de Faro e presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro, no sentido de ser nomeada a comissão instaladora do prometido Instituto Politécnico de Faro.

Fazemos votos por que o estudo de tão pertinente desejo das gentes do Sul do País não seja adiado por mais tempo e oxalá todas as entidades algarvias, Junta de Província, Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, clubes desportivos e recreativos, e comércio e indústria, secundem as pretensões justíssimas da mocidade algarvia que anseia por novos meios para se preparar para a vida.

AS CRIANÇAS

Mercê da iniciativa dos membros da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro, devem ser realidade, dentro de pouco tempo, três importantes melhoramentos que muito contribuirão para o bem estar das crianças da cidade.

Assim, serão implantados junto à Alameda João de Deus um infantário para 50 crianças, um jardim de infância para 100 e uma unidade de ocupação de tempos livres para 300.

Este conjunto ficará a cargo do Instituto de Família e Acção Social, a que a Câmara cedeu gratuitamente 1 200 metros quadrados de terreno.

Que o facto sirva de exemplo a outras câmaras algarvias para bem das crianças da nossa Província que tão desprezadas têm sido.

O LEITE

Esta bebida, que tanta falta faz a crianças ou adultos, são os doentes, de vez em quando prima pela ausência (o fresco), valendo-nos o que vem de fora, em garrafas ou pacotes.

Acompanhando a escassez, os distribuidores de leite da cidade deixaram de o levar ao domicílio, optando pelo meio, mais cómodo, de aguardarem em sítio certo que as clientes se deslocem de suas casas e esperem que o leiteiro ou leiteira apareçam para não ficarem sem o precioso líquido. Há ruas onde os distribuidores já deixaram de passar, o que se nos afigura anormal porque se a distribuição é chamada ao domicílio devem ser tratados de igual modo os habitantes de todas as artérias.

José Gil

Sessões do P.C.P. no Algarve

O Núcleo do Algarve do Partido Comunista Português promoveu sessões de esclarecimento político em Querença, Lagoa e Sagres, no decurso das quais foram analisados assuntos ligados com o actual momento da vida portuguesa, o programa do P. C., a questão económica e social, etc.

Propostas para o equipamento de estações de tratamento de esgotos do Algarve

Conforme anúncios vindos a público, a Comissão Regional de Turismo abriu concurso para o fornecimento e montagem do equipamento para diversas estações de tratamento de esgotos, a que concorreram nove firmas.

Foi agora efectuada a abertura das propostas, assistindo entre outras entidades os srs. dr. Eduardo Vasquez Limón da Silva Cavaco, como representante do procurador geral da República, prof. eng. Lobato de Faria, director dos Serviços de Engenharia Sanitária da Direcção Geral de Saúde, em representação da Secretaria de Estado da Saúde e eng. José Luís de Moura, presidente da Comissão Administrativa da Comissão Regional de Turismo. As propostas recebidas referem-se ao fornecimento de equipamento e montagem de estações de tratamento de esgotos para 1 000, 3 000, 5 000, 10 000, 15 000 e 20 000 habitantes, procurando-se abranger diversas povoações do Algarve.

Manuel Rodrigues

ODONTOLOGISTA
(Prótese Dentária)

Comunica que atende todos os beneficiários das Caixas de Previdência, assim como o público em geral.

Rua Conselheiro Frederico Ramirez, 66 — Telef. 220
Vila Real de Santo António

Nova Junta de Freguesia de Santo Estêvão de Tavira

Pelo presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Tavira, sr. José António dos Santos, foi dada posse à nova Comissão Administrativa da Junta da Freguesia de Santo Estêvão, assim constituída: presidente, Joaquim Custódio Rodrigues, comerciante; vogais, António Palermo Pires de Mendonça, proprietário, Joaquim José Rodrigues Oliveira e José António Bento de Jesus, carpinteiro e José dos Santos Assis Costa, tractorista. Na mesma data, tomou também posse do cargo de regedor o sr. Manuel Arnaldo Norberto, proprietário.

REUNIÃO DE INTERESSE AGRÍCOLA

Na sede da Casa do Povo de Santo Estêvão, efectuou-se uma sessão de esclarecimento agrícola, promovida por técnicos da Estação Agrária de Tavira. Nesta reunião que decorreu com o maior civismo, foram debatidos na generalidade, os assuntos que mais afectam a agricultura, formulando-se a seguir diálogo entre os assistentes e aqueles técnicos, que deram todos os esclarecimentos, de harmonia com as directrizes da Secretaria de Estado da Agricultura. Finalmente e aproveitando a presença e os conhecimentos dos técnicos, seguiu-se uma assembleia da cooperativa agrícola em organização nesta freguesia, que decorreu com muito interesse, pois foram tratados assuntos que em muito virão beneficiar a agricultura e a pecuária.

J. I. M.

Demonstre o seu carinho com prendas «CARAVELA».



Vila Real de Sto. António

Sessões do MDP/CDE em Alcoutim e Loulé

Nas instalações do Clube 1.º de Dezembro, em Alcoutim, decorreu uma sessão de esclarecimento político promovida pelo MDP/CDE e no decurso da qual usaram da palavra os srs. Leandro Carromba de Sousa, eng. Morgado André e dr. Alvaro Pedro Café. Além da análise ao actual momento político português, foi feita a apresentação do programa do MDP/CDE.

No Cine-Teatro Louletano e perante numerosa assistência, efectuou-se uma sessão com carácter distrital e para apresentação do programa como partido do MDP/CDE. Entre outros oradores usaram da palavra os srs. drs. José Manuel Tengarrinha, António Gahordas, Manuel de Campos Lima e Luís Catarino e João Vargas, da Comissão Central do MDP/CDE e o cientista algarvio eng. Joaquim Laginha Serafim.

AGENDA

Ecoss

Partidas e chegadas

Com sua esposa, sr.ª D. Teolinda Cavaco Melo, está a férias em Balurcos (Alcoutim), o sr. Luís Madeira Martins, nosso assinante na Alemanha.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade.

Em FARO, hoje, a Farmácia Oliveira Bomba; amanhã, Alexandre; segunda-feira, Crespo Santos; terça, Paula; quarta, Almeida; quinta, Montepio e sexta-feira, Higiene.

Em LAGOS, a Farmácia Lacobrigense.

Em LOULE, hoje, a Farmácia Madeira; amanhã, Confiança; segunda-feira, Pinheiro; terça, Pinto; quarta, Avenida; quinta, Madeira e sexta-feira, Confiança.

Em OLHAO, hoje, a Farmácia Rocha; amanhã, Pacheco; segunda-feira, Progresso; terça, Olhanense; quarta, Ferro; quinta, Rocha e sexta-feira, Pacheco.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Carvalho; amanhã, Rosa Nunes; segunda-feira, Dias; terça, Central; quarta, Oliveira Furtado; quinta, Moderna e sexta-feira, Carvalho.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Aboim; segunda-feira, Central; terça, Franco; quarta, Sousa; quinta, Montepio e sexta-feira, Aboim.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carrilho.

Cinemas

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «Ben e Charlie»; amanhã, «Um amor simples»; terça-feira, «Milão escaldante»; quarta-feira, «A virgem e o sortilégio»; quinta-feira, «Zorro, o dominador»; sexta-feira, «Pilula ou não... eis a questão».

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, «Jesus Cristo Super Star»; amanhã, «Fim de semana ilegítimo»; terça e quarta-feira, «Perido na honra»; quinta-feira, «As aventuras de Tom Sawyer»; sexta-feira, «O magnífico».

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje e amanhã, em matinée e soirée, «A califas»; terça-feira, «Amante infiel»; quarta-feira, «O Etrusco volta a atacar»; quinta-feira, «Julietta e Julietta».

Em LOULE, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «Barril de pólvora»; amanhã, «Um homem de respeito»; terça-feira, «O pistoleiro do diabo»; quinta-feira, «Pausa breve».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Gringo não era um santinho»; amanhã, em matinée e soirée (duas sessões), segunda-feira (duas sessões) e terça-feira, «A grande farra»; quarta-feira, «Paraíso ao sol»; quinta-feira, «Excelsior, a fúria do Karate»; sexta-feira, «Porque morre o nosso amor?».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvesense, hoje, «Sete contra todos»; amanhã, em matinée e soirée, «Sofia e a educação sexual»; terça-feira, «Ferro em brasa»; quinta-feira, «A influência dos raios gama no comportamento das margaridas»; sexta-feira, «A rainha do Karate».

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Cine-Foz, hoje, «Nenhum deles se chamava Trinitá»; amanhã, «Mulheres acorrentadas»; terça-feira, «Os três famosos de Trinitá»; quinta-feira, «O braço violento de Kung-Fu».

Necrologia

D. Maria Lopes da Encarnação

No Hospital de Faro faleceu a sr.ª D. Maria Lopes da Encarnação, natural de São Brás de Alportel, casada com o sr. Joaquim Brás da Silva Manta. Era mãe das sr.ªs D. Albertina da Silva Lopes, D. Maria Lopes da Silva e D. Maria Delmira Lopes da Silva. O funeral, que se realizou para S. Brás de Alportel, constituiu grande manifestação de pesar por ser pessoa muito estimada.

José da Silva

Na sua residência em Bensafrim, de onde era natural, faleceu o sr. José da Silva, de 79 anos, pequeno proprietário, que deixa viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Pa-

checo Barbudo da Silva. Era pai das sr.ªs D. Olinda Serrão da Silva, casada, residente em Bensafrim e D. Emília Pacheco da Silva, casada, residindo no Barreiro e do sr. João Lino da Silva, residente em Bensafrim; avó das meninas Maria Margarida da Silva Lopes, escriturária da Casa do Povo de Aljezur e Maria da Conceição da Silva Pina e do menino Diamantino Pacheco Pina.

Eduardo Agostinho Carepa

Faleceu em Lisboa realizando-se o funeral para Tavira, de onde era natural, o sr. Eduardo Agostinho Carepa, de 33 anos, empregado de comércio, casado com a sr.ª D. Dionísia Simão Viegas.

Era filho da sr.ª D. Maria dos Mártires Carepa e do sr. Crisóstomo dos Mártires Carepa; pai das meninas Célia Maria Viegas Carepa, de 6 anos, Maria Carla Viegas Carepa, de 3 anos, e do menino Paulo Jorge Viegas Carepa, de 2 anos, irmão das sr.ªs D. Maria Venízia Carepa dos Santos, casada com o sr. Joaquim José dos Santos, D. Isabel Maria dos Mártires Carepa Messias dos Santos, casada com o sr. Joaquim da Conceição Messias dos Santos e do sr. Rui da Conceição dos Mártires Carepa, casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Santos do Nascimento Carepa e genro da sr.ª D. Maria do Espírito Santo Simão Viegas e do sr. Joaquim Viegas.

O funeral constituiu grande manifestação de pesar.

Manuel Henrique Espadinha

Faleceu no Hospital de Tavira o sr. Manuel Henrique Espadinha, de 71 anos, proprietário, natural de Santo Estêvão, mas há muitos anos residente em Santa Catarina da Fonte do Bispo. Deixa viúva a sr.ª D. Ana do Carmo Barradas e era pai da sr.ª D. Maria Henrique Barradas Pires, casada com o sr. Iderico do Nascimento Pires e dos srs. Júlio Henrique Espadinha Barradas, casado com a sr.ª D. Helena Maria Teixeira Barradas e eng.º agrônomo Faustino Barradas, funcionário da Estação Agrária de Tavira, casado com a sr.ª D. Maria dos Anjos Pontes de Brito Lima Barradas.

TAMBÉM FALECERAM:

Em TAVIRA — a sr.ª D. Maria da Saúde Gonçalves, de 88 anos, viúva, mãe das sr.ªs D. Alda Albertina da Saúde Gonçalves, D. Maria Ângela Gonçalves e dos srs. Pedro António Gonçalves, João António Gonçalves e Fausto António Gonçalves.

Em CASCAIS — a sr.ª D. Maria Clara Martins Soares, de 80 anos,

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

MISSA

MARIA LAURA GONÇALVES SILVA
TRÊS ANOS DE ETERNA SAUDADE

Sua família participa que no próximo dia 21, manda celebrar missa na igreja paroquial de N. Sr.ª da Encarnação, em Vila Real de Santo António, às 9 horas, pelo seu eterno descanso.

Desde já agradece a quem se dignar participar na celebração da Eucaristia.

AGRADECIMENTO

ANGÉLICA DO CARMO VIEIRA DE SOUSA

Nascida em 19-1-1906

Falecida em 16-11-1974

Seu marido David Justino de Sousa, seus filhos e restante família, na impossibilidade de se dirigirem e agradecerem pessoalmente, o que lhes é impossível fazer por desconhecimento da maioria dos endereços, vêm por este meio testemunhar a sua profunda gratidão a todas as pessoas que se dignaram incorporar no funeral e àquelas, que o não fazendo, não deixaram de manifestar pesar pela morte de sua extremosa esposa, mãe e inolvidável familiar.

E participam que mandam celebrar Missa por sua alma, no dia 16 (segunda-feira), às 18 horas, em Algez.

LAGOS

AGRADECIMENTO

JOSÉ RIBEIRO LOPES

Isabel do Sacramento Silva Lopes, sua viúva, vem pelo presente agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a sua última morada, no passado dia dois de Novembro, o seu muito querido marido.

viúva, natural de Monchique.

No SEIXAL — a sr.ª D. Clonise Freitas Rio Ribeiro, de 69 anos, viúva, natural de Vila do Bispo.

Em LISBOA — a sr.ª D. Maria Eugénia, de 85 anos, natural de Silves.

— o sr. José Luís das Dores Gomes, de 59 anos, natural de Vila Real de Santo António, casado com a sr.ª D. Albertina da Conceição Rodrigues Gomes.

— o sr. José Leandro, de 65 anos, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Laura Simões.

— o sr. Manuel de Sousa Júnior, de 75 anos, natural de São Brás de Alportel, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição de Sousa.

— o sr. António Lourenço Fernandes, de 69 anos, natural de Lagoa, casado com a sr.ª D. Joaquina da Conceição Pina.

As famílias enlutadas apresenta o *Journal do Algarve*, sentidos pésames.

Lotas

De 30 de Novembro a 11 de Dezembro

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

TRAIINEIRAS:	
Refrega	89 750\$00
Cajú	84 515\$00
Pérola do Guadiana	69 925\$00
Prateada	65 850\$00
Flor do Sul	55 420\$00
Conserveira	39 140\$00
Liberta	38 920\$00
Lestia	35 645\$00
Leste	34 780\$00
Apóstolo S. João	31 910\$00
Vivinha	31 890\$00
Alecrim	22 855\$00
Infante	19 000\$00
Audaz	13 500\$00
Agadão	4 040\$00
Isabel Sardo	4 040\$00
Norte	1 880\$00
Total	643 060\$00

De 4 a 11 de Dezembro

OLHAO

TRAIINEIRAS:	
Estrela do Sul	75 830\$00
Princesa do Sul	73 230\$00
Brisa	72 897\$00
N. Sr.ª Piedade	71 600\$00
Fariol	66 775\$00
Ilha de Sonho	66 075\$00
Conserveira	57 765\$00
Costa Azul	47 030\$00
Gorotinho	46 930\$00
Diamante	46 220\$00
Amazona	44 060\$00
Colmeal	41 150\$00
Pérola Algarvia	34 700\$00
Ponta do Lador	24 920\$00
Nova Esperança	24 420\$00
Nova Clarinha	22 013\$00
Arda	21 390\$00
Lena	18 185\$00
Vandinha	12 545\$00
Restauração	8 448\$00
Maria Rosa	8 100\$00
Total	884 278\$00

De 27 de Novembro a 10 de Dezembro

QUARTEIRA

TRAIINEIRAS:	
S. Flávio	3 180\$00
S. Paulo	2 845\$00
Artes Diversas	600 261\$00
Total	606 286\$00

A. Amândio de Oliveira

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DA BOCA E DENTES

Consultas às 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª, às 16 horas, na Avenida S. João de Deus, 46 r/c Esq. PORTIMÃO — Telef. 24174

Sessões do M. D. P. em Vila Real de Santo António e Cacela

O Movimento Democrático Português promove na terça-feira, às 21,30, no Cine-Cacelense, de Vila Nova de Cacela, uma sessão de esclarecimento, em que usarão da palavra os srs. Alvaro Café e José Vargas, da Comissão Distrital, eng. Oscar Cunha e Rosa Mendes, da Comissão de Freguesia.

Na quarta-feira, às 21,30, no Lusitano F. C. de Vila Real de Santo António, o M. D. P. promove nova sessão em que são oradores os drs. Campos Lima e Luís Catarino e o arq. Veloso e dois elementos da Comissão Concelhia.

Actividades do Partido Socialista Português

No âmbito da I Campanha de Implantação Sistemática do Partido Socialista Português no Algarve, efectuaram-se 41 sessões de esclarecimento, durante quatro fins de semana em que foram movimentados 149 oradores, alguns dos quais se deslocaram expressamente de Lisboa, falando cerca de 90 horas para uma assistência estimada em 11 mil pessoas. No decurso das sessões foram respondidas inúmeras perguntas, quase sempre objectivas e pertinentes.

Entretanto, noticia-se uma nova campanha, limitada agora às localidades do concelho de Faro, a qual envolverá um estudo em comum de temas específicos, tais como cooperativas, sindicatos, economia, etc., em que já se encontram inscritos 18 oradores.

Foi também noticiado que o dr. Luís Filipe do Nascimento Madeira, antigo dirigente do MDP/CDE e actual governador civil do Distrito, entregara a sua ficha de adesão ao Partido Socialista, na Secção de Loulé.

UCAL
Garantia de Qualidade

LEITE ESTERILIZADO
SIMPLES
FORTIFICADO
COM CHOCOLATE

QUEIJO
QUARK
CREME EM TRIANGULOS

MANTEIGA
NATAS FRESCAS
IOGURTES
SIMPLES
COM AROMAS
COM FRUTAS

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS NO ALGARVE

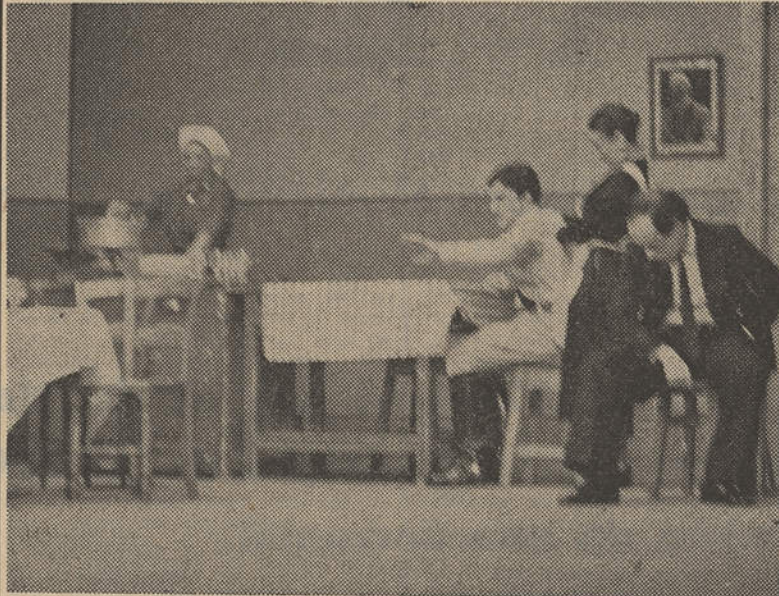
Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda.
LAGOS • Sede em LOULÉ • PORTIMÃO
TELEF. 62125 TELEF. 62002 TELEF. 24640

TEATRO, DEPOIS...

«O Terror e a Miséria no Terceiro Reich»

Não sei se terá acontecido o mesmo, a nível de crítica ou de meios teatrais, mas entre um certo público, «O Terror e a Miséria no Terceiro Reich» era certamente dos espectáculos anunciados depois do 25 de Abril que mais prometiam. Por um lado, havia Bertolt Brecht, talvez o mais famoso homem de teatro do nosso século, praticamente nunca representado em Portugal por motivos «óbvios», como era da praxe. Havia poemas, excertos de peças que se conheciam, notícias sobre a sua actividade no Berliner Ensemble, textos que se tinha lido sobre espectáculos no estrangeiro de um teatro esteticamente inovador, de grande potencial revolucionário, de esclarecimento e de comunicação.

Por outro lado, havia a Cornucópia e o excelente nível teatral dos seus trabalhos anteriores, frequentemente excepcional no que respeita a interpretação e encenação, ainda que partindo de peças clássicas e ainda que se discutisse se seria esse o caminho para trazer o Teatro ao País e se não se estaria em parte a des-



perdiçar um trabalho de tanta qualidade num sentido que não seria o mais útil. Anunciava-se ainda que as primeiras apresentações não se realizariam em Lisboa, mas sim em localidades dos arredores, o que seria levar um teatro certamente recomendável, a um público que quase o ignorava.

Aconteceu no entanto que (por falta de hábito, de tempo, de preparação, ou por outros motivos) este espectáculo acabou por ser o mais decepcionante daqueles que o grupo apresentou. Claro que os actores continuaram a ser muito bons, claro que a peça não só é boa, mas nos apresenta um aspecto frequentemente esquecido, se não ignorado por muitos de nós.

Habitualmente, vemos a Alemanha nazi como um corpo homogéneo de carrascos, naquelas multidões que aplaudem Hitler uma unidade quase nacional na desumanização, no crime organizado, uma só vontade, quase até, apesar de vistas «pelo avesso» e absolutamente repugnantes, as tais ideias de um espírito da famosa raça ariana.

Ora, Bertolt Brecht foi dos alemães que não pactuaram, que tiveram que fugir e ir mudando de país em busca de uma certa segurança, à medida que as conquistas do Reich avançavam. Além do exílio, ele conheceu também a vida na Alemanha que caminhava, primeiro para as mãos de Hitler e depois para a guerra. É dessa situação, de um povo mártir antes de carrasco, do drama das famílias divididas (e não só a nível de separação física) porque um dos seus membros é judeu e tem que fugir e o ambiente se torna cada vez mais tenso, do medo, de delação, da desconfiança constante que o Estado policial, a repressão, o anti-semitismo e o anti-comunismo desenfreados instauram nas relações entre as pessoas, que a peça fala. É da insegurança que reina de mãos dadas com a miséria e a suspeita, enquanto se diz em voz baixa que os aviadores vão morrendo na guerra de Espanha para defenderem Franco e o fascismo e não nos campos de treino, como o Estado anuncia. É do que custaram em alimentos, em roupa, em aquecimento no Inverno, a um povo, os tais milhares de bombas, as tais armas para Franco primeiro, contra a Europa depois.

Entre as pessoas cada vez mais cautelosas, mais amedrontadas, mais miseráveis e mais solitárias para denunciarem os vizinhos, os amigos, tentando sentir-se satisfeitos e evitar deslizes para salvaguardarem um emprego numa fábrica de bombas depois de uma longa temporada no desemprego, o poder real dos caciques a soldo do governo, a sua prepotência, a multiplicação dos pequenos tiranos à imagem e semelhança do «grande» ditador.

A farsa da informação, com um repórter a procurar recolher depoimentos ensinados aos operários e a apressar-se a «remendá-los», sempre que estes saíam das marcas. A suspeita de toda a gente, mesmo os amigos, em relação a um preso que foi solto. A incapacidade absoluta das organizações de esquerda de darem resposta à ofensiva. A cena, muito conhecida, em que numa família de pequena ou média burguesia os pais se interrogam sobre se terá havido algo de incriminatório na conversa entre eles que o filho de 9 anos ouviu e se este, que saiu, terá ido acusá-los junto das Juventudes Hitlerianas.

Continuando a ser, como dizia antes, a peça e os actores bons, esclarecedores importantes, o espectáculo parece ter falhado no que diz respeito à encenação, por vezes num tom convencional que não seria de modo nenhum de esperar e utilizando, na mudança dos quadros, os esclarecimentos ou a introdução ou como se lhes quisesse chamar, dados ora por um actor em ar de formação militar, ora por uma voz «off», ora metade por cada um, o que, francamente, não resultou. Também não sei se a apresentação da peça, pura e simples, sem lhe dar um certo enquadramento histórico, se é viável para o público do Teatro da Trindade, o terá sido igualmente nos arredores de Lisboa.

Sabendo-se que Brecht se preocupava fundamentalmente com a encenação, que por vezes as suas peças eram apenas um esboço antes de trabalhadas em palco, que utilizava frequentemente a música, baladas e canções, entre outras coisas, no sentido de conseguir a homogeneidade, a vida e a eficácia do espectáculo, é de estranhar que exactamente a Cornucópia, venha utilizar para esta peça um processo de teatralização a que talvez possamos chamar «clássico», até muito mais clássico que o dos seus espectáculos anteriores.

Na altura em que a vemos, a peça preparava-se para sair da cena da Trindade, prevendo-se-lhe honras de digressão pela província. Apesar de tudo o que fica dito, há, certamente, interesse em vê-la, quanto mais não seja para se conhecer o texto, que vale a pena, e conhecê-lo através de interpretações sem dúvida excelentes.

Maria João de Sousa

TEATRO

«A traição do Padre Martinho»

Mais uma vez esteve no Algarve a Companhia Rafael de Oliveira mantendo-se assim um convívio de largas dezenas de anos. Recordamo-nos das longas temporadas que em Faro realizou o «Teatro Desmontável», constituindo um dos reduzidos esteios de contacto do público local com a Arte de Talma. No Cinema Santo António, como em outras salas algarvias, a Companhia Rafael de Oliveira apresentou a peça de Bernardo Santareno «A traição do Padre Martinho», obra proibida pelo anterior regime e que foca problemas da mais acentuada importância, designadamente no que concerne às ligações da Igreja com os governantes, a posição dos chamados padres progressistas, etc.

Encenada por Rogério Paulo, a peça constituiu um excelente espectáculo a que o público, em número que seria de desejar muito maior tributou calorosos aplausos. Intervieram no desempenho Alberto Vilar, Alexandre Passos, Ana Maria de Andrade, António Rama (no principal papel), Fernando Frias, Fernando de Oliveira, Geny Frias, Gisela de Oliveira, Humberto de Andrade, Idalina de Almeida, Joaquim Rosa, Júlio Cleto, Lisete Frias, Manuela Coimbra, Maria Teresa, Mário Sarzedas, Pedro Pinheiro e Rui Furtado. Desempenho equilibrado e honesto, com uma encenação bem concebida. De «A traição do Padre Martinho», disse Urbano Tavares Rodrigues: «...Esta peça preenche neste momento histórico da vida portuguesa importantes objectivos estéticos e políticos, como desmascaramento da hipocrisia e do falso cristianismo de alguns elementos da hierarquia religiosa...».

Técnico para Electrodomésticos Precisa-se

Resposta por carta, com «curriculum vitae», ao n.º 18 370 deste jornal.

FARO, CIDADE DO PÓ E DA LAMA

(Conclusão da 1.ª página)

mente — só porque estamos habituados — as ruas como as que Faro se «orgulha» de oferecer a quem a visita e a quem nela mora?

Vem a propósito um pequenino episódio de há tempos: um dia, um inglês deu-me boleia de Loulé até Faro. Durante o percurso, fomos comentando a paisagem. Fevereiro ostentava as amendoeiras floridas, verdadeiras lindas. Isto e mais o meu constante elogio deste Algarve de sonho fizeram com que o inglês deslumbrasse de verdade. Ao entrarmos em Faro, perguntou-me o que era. Expliquei. Era a capital. O estrangeiro calou-se. Depois, quando o carro começou a acertar o ritmo daquelas ruas ali para as bandas da estação ferroviária, deu um soco no volante, numa brusca mudança de génio, teve um sorriso azedo e murmurou algo como «Far West».

E o que é certo é que só faltam os «cow-boys», mas mesmo assim aparecem de vez em quando, com a vestimenta actualizada, claro, mas esse é outro problema.

Se há solução para quase tudo, serão as ruas de Faro alguma coisa tão complexa?

Confiantes, cá vamos esperando vendo arruinar-se as viaturas, e as casas cheias de pó, por fora e por dentro. E quando a chuva vier a valer, como habitualmente, há-de ser de novo o bom e o bonito...

Loulé, 22-11-74

Luís Alberto Guerreiro

POEMA

Aos poetas anónimos, aos poetas que sonharam ser poetas, e nunca foram mais que o sonho, de um poema que ficou dentro deles mesmos... no silêncio.

Porque eu não sinto os sons, crepitando nos meus alvéolos, batendo, ribombando no meu cérebro.

Palavras batendo de ricochete, fazem nascer dentro de mim o vazio de sentir as palavras inertes,

sons que estalam, numa noite, de súbito, acordam-me, violando-me.

E depois, limpo e inocente, sinto a morte subir, e os sons tropeçando, batem em mim, e como derradeira fase de tudo, a natureza e os homens, clamando.

Acordo e escuto uma voz longa [gínqua:

(mas dentro de mim) É PRECISO LUTAR! É preciso lutar...

14-1-74

Jorge Soeiro

Dinamização cultural do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

brigadas verdes), «Vilarinho das Furnas», «Chile», «Escolha uma profissão», «A canção de Lisboa», «Não é hora de chorar», etc., seguindo-se diálogo com as populações tendo em vista esclarecimentos ligados à acção do Movimento das Forças Armadas, Programa do Movimento, etc. e ainda à auscultação dos legítimos anseios das populações. Foram constituídas sub-comissões para uma maior dinâmica e mais completa actuação. Algumas sessões têm incluído representações teatrais.

VENDE-SE

Latas novas e usadas de diferentes formatos. Apartado n.º 10 — Vila Real de Santo António.

ARLEQUIM, Livros Infantis

Está à venda o primeiro livro desta colecção:

O GATO DA QUINTA AZUL

De MARINA ALGARVIA

Ofereça-o pelo NATAL a seu filho ou amigo

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

comunista no governo. Claro que Portugal não estava interessado em transformar o caso num litígio com os seus aliados na NATO nem possivelmente estaria muito interessado também em participar nas conversações nucleares propriamente ditas, pelo que se alheou voluntariamente desse sector das conversações.

Com a Grécia sucedeu precisamente o contrário: entrou nas discussões nucleares e absteve-se dos trabalhos da defesa por causa da guerra de Chipre. O Governo de Atenas parece querer seguir as pisadas da França e afastar-se da organização militar atlântica, embora não abandone a NATO.

Pergunta-se, aliás, se não será esta uma decisão acertada, numa altura em que outros problemas mais graves e instantes se levantam para alguns países aliados. Portugal, por exemplo, não estará agora demasiado preocupado com os seus assuntos internos, os seus problemas de descolónização, a sua reestruturação económica para pensar nos pontos de defesa comum da Aliança Atlântica?

É certo que não nos poderemos afastar, de repente, de certos compromissos assumidos com as nações amigas, mas deveria existir um meio de os suspender, ou pelo menos aliviar num momento em que até o regime mudou e que um período de transição ocupa as atenções e as preocupações políticas, período em que não se podem tomar importantes decisões de comprometimento futuro pois só dentro de alguns meses será possível definir a tonalidade desse gabinete que sairá após as eleições democráticas de Março.

Para já, temos a impressão de que os problemas atlânticos andam há muito afastados do nosso espírito, embora no âmbito da Aliança haja outros que os nossos aliados

não se decidem a rever em relação a Portugal. Pois não há dúvida de que o processo de descolónização que estamos a levar a cabo interessa às outras nações, não só sob o ponto de vista estratégico, mas também económico. Outros países independentes vão aparecer no Atlântico Sul, os quais vão precisar de apoio sob vários aspectos. Sendo nações ricas em produtos naturais, transformar-se-ão, facilmente em campos de interesse para a instalação de indústrias e portanto de investimentos estrangeiros. No entanto, nota-se uma certa relutância das nações ocidentais em contribuir para esse processo, que até interessa a todos. Ou não?

Mateus Boaventura

Cartório Notarial de Lagoa

A CARGO DA NOTÁRIA CATARINA MARIA DE SOUSA VALENTE

Certifico narrativamente para efeito de publicação, que neste cartório e no livro de notas para escrituras diversas B-52, de folhas 82 a folhas 83, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada em 4 do corrente mês, na qual Maria Justina de Oliveira, solteira, maior, natural desta freguesia de Lagoa, onde tem residência habitual no sítio da Torrinhã, se declara dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, de um prédio rústico, sito em Vale da Vila, freguesia de Estômbar, concelho de Lagoa, composto de terra de semear com figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras, oliveiras e mato, a confrontar do norte, com Joaquim Emídio de Oliveira, do sul, com herdeiros de António Magalhães Barros, do nascente com caminho de ferro e do poente com Francisco Pina. Inscrito na matriz predial respectiva sob um terço do artigo 1.119, com o valor matricial de 2.000\$00 e atribuído de 10.000\$00. Não descrito nas Conservatórias do Registo Predial de Silves e Lagoa.

A justificante possui o referido prédio em nome próprio, há mais de trinta anos, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceu sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que adquiriu o prédio por prescrição, não tendo, todavia, dado o modo de aquisição, documento que lhe permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, 5 de Dezembro de 1974.

A Ajudante,

Maria Cecília G. Pargana

Escritório - Portimão

TRESPASSA-SE

Com algum mobiliário, muito bem situado na baixa da cidade, Rua de Santa Isabel, n.º 10 — Telef. 24235.

Trespassa-se Mercadoria

Bem localizada. No Bairro de maior expansão de Faro. Preço acessível. Contactar Telefone 23046 — FARO.

Vende-se

Por motivo de doença do proprietário, uma propriedade com quatro hectares, composta de pomar e outras árvores de fruto e uma parte de sequeiro com arvoredo, casas de habitação e de serviço de lavoura com abundância de água, no sítio do Monte Estácio, freguesia de Almansil — Poço — Telefone 94158.



Nós somos o HOTEL DA ALDEIA e estamos aqui em Areias de S. João — Albufeira, para o ajudar na organização de festejos de:

- Reuniões
- Conferências
- Casamentos
- Baptizados
- Aniversários
- Luas de Mel
- Bodas de Prata

Dispomos de diferentes salas para estes fins com capacidade de 10 a 100 pessoas. Caso não tenha nenhuma data a celebrar, venha e traga a sua família até ao nosso Restaurante no qual o Chefe Fernando, lhe proporcionará uma boa refeição, e satisfará o seu apetite mais exigente.

Telefones n.ºs 52031/2 — ALBUFEIRA

Presença do Algarve no «Hogarotel-14» em Barcelona

Decorreu em Barcelona o «Hogarotel — 14» importante salão internacional de equipamento hoteleiro.

Portugal figurou com um stand, onde se distribuía ampla documentação turística, com especial incidência para a promoção «Faça Férias Portuguesas». No dia dedicado ao nosso País, o stand foi visitado por diversas individualidades, que foram cumprimentadas pelo eng. José Luis de Moura, presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, Júlio da Conceição Fernandes, subdelegado da Secretaria de Estado do Comércio Externo e Turismo em Barcelona, dr. António Dias, do Fundo de Fomento de Exportação, dr. Vieira Pereira, director do Centro de Turismo de Portugal em Madrid, António Bryant Jorge, delegado dos TAP em Espanha, etc. Os visitantes foram obsequiados com lembranças do Algarve.

Vítimas de acidentes de viação

Em Clarianes (Loulé), uma motorizada em que seguia Hélder Manuel Nogueira Vita, de 17 anos, levando como «pendura» seu irmão Maurício Joaquim Nogueira Vita, de 14 anos, ambos de Querença (Loulé), foi embater num camião conduzido pelo sr. Felisberto Gonçalves, de 24 anos, natural de Salinas e residente no Cabeço da Vaca (Loulé). Do embate resultou a morte do condutor da motorizada. O irmão foi conduzido ao hospital de Loulé, com ferimentos graves.

— Na Rua Dr. Cândido Guerreiro, em Faro, um automóvel conduzido pelo sr. Eleutério Luís, atropelou a sr.ª D. Maria Gregório dos Santos, de 84 anos, residente na Avenida da República, naquela cidade, que se dirigia do mercado para a sua residência, com as compras. Conduzida ao hospital faleceu pouco depois.

— Em Olhão, o sr. José Pedro Leiria, de 67 anos, empregado na indústria de conservas, natural de Quelfes (Olhão) seguindo de bicicleta, colidiu com um automóvel conduzido pelo sr. Manuel das Neves Serra. Transportado ao hospital de Faro, ali faleceu.

— No sítio das Benfarras (Boliveira, Loulé), o sr. José Maria Ladeira, de 27 anos, casado, tractorista, de Maritenda, embateu com a sua motorizada numa carroça conduzida pelo sr. José de Sousa Cavaco, de 63 anos, residente em Vale do Judeu. O sr. Ladeira ficou muito traumatizado, pelo que foi conduzido ao hospital de Faro, onde faleceu pouco depois.

— Em acidente ocorrido perto de Cacela (Vila Real de Santo António) devido a despiste e choque com uma árvore, ficou muito ferido o sr. Luís Rodrigues, de 55 anos, casado, comerciante, em Faro, que se fazia acompanhar da esposa no automóvel que guiava. Conduzidos ao hospital de Faro, o sr. Rodrigues faleceu pouco depois enquanto a esposa recolheu a casa, após tratada de ligeiros ferimentos.

— No lugar do Tojinho, freguesia de Salir, Loulé, durante a sementeira do trigo, um tractor conduzido pelo sr. José de Sousa Silva, de 37 anos, residente no sítio da Penina, freguesia de Alvor, por motivo de a máquina ter resvalado para um ribeiro, foi arrastado na sua queda, ficando debaixo do veículo. O pobre trabalhador morreu momentos depois do acidente.

— Chegou já morto ao Hospital de Faro, o sr. Renato da Conceição Fernandes, de 23 anos, militar, natural de Conceição de Tavira e residente no sítio do Estorninho. Seguindo de motorizada, chocara com uma carroça conduzida pelo sr. António Rodrigues, residente nos arredores de Tavira.

— Por haver-se desequilibrado, caindo da motorizada que conduzia, ficou muito traumatizado o sr. Salvador Gonçalves de 62 anos, pedreiro, residente em Maritenda, Loulé. Levado ao hospital de Faro, faleceu pouco depois de ali ter dado entrada.

VENDE-SE, EM OLHÃO

Um conjunto de edifícios com terreno anexo e com a área total de 5700 m², com três frentes, sendo 3850 m² de área coberta e 1850 m² descoberta, situado num dos melhores locais da vila, adaptáveis a qualquer indústria e/ou demolições para construção civil em zona devidamente autorizada como previsto pelo plano de urbanização.

Tratar com: J. Carlos da Cruz — Telefone 72497 — OLHÃO.

Recenseamento dos Eleitores da Assembleia Constituinte

EDITAL

Abílio José Proença, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António.

FAÇO SABER, nos termos do art. 29.º do Dec.-Lei n.º 621-A/74, de 15 de Novembro, que a inscrição dos eleitores no recenseamento para a eleição da ASSEMBLEIA CONSTITUINTE, decorrerá de 9 a 29 de Dezembro do ano corrente.

São eleitores os cidadãos portugueses de ambos os sexos, maiores de 18 anos completados até 28 de Fevereiro de 1975, residentes no território eleitoral, ou nos territórios Ultramarinos ainda sob a Administração Portuguesa, assim como os aí não residentes indicados no presente diploma.

São também eleitores os residentes fora do território, desde que preencham algumas das condições seguintes:

1. Terem filhos menores de 18 anos ou cônjuge não separado judicialmente a residir habitualmente no território eleitoral ou dele haverem saído há menos de 5 anos, à data da publicação desta lei.
2. Residirem fora do território eleitoral em virtude de missão do Estado ou de serviço público reconhecido como tal pela autoridade competente ou serem cônjuges ou filhos menores de quem se encontre nessa situação e com eles residam.
3. Encontrarem-se acidentalmente, no território eleitoral, na data da eleição, há mais de 6 meses.

Não são eleitores:

1. Os interditos por sentença com trânsito em julgado em virtude de anomalia psíquica, surdez-mudez ou cegueira.
2. Os notoriamente reconhecidos como dementes, ainda que não estejam interditos por sentença, quando internados em estabelecimento psiquiátrico ou como tais declarados por uma junta de dois médicos.
3. Os definitivamente condenados a pena de prisão por crime doloso, enquanto não hajam expiado a respectiva pena, e os que se encontrem judicialmente suspensos dos seus direitos políticos.
4. Os cidadãos a quem, por motivo de exercício de certas funções públicas ou participação em organizações antidemocráticas antes de 25 de Abril de 1974, o Governo Provisório estabelecer por Decreto-Lei, a sancionar pelo Conselho de Estado, a incapacidade eleitoral activa.

Por interessar aos eleitores se transcrevem as seguintes disposições da nova Lei:

Artigo 16.º — (Universalidade do recenseamento) — Devem ser inscritos no recenseamento todos os cidadãos que possuam capacidade eleitoral.

Artigo 17.º — (Oficiosidade e obrigatoriedade) — 1. A inscrição dos eleitores no recenseamento será feita oficiosamente pelas comissões de recenseamento.

2. Sem prejuízo do disposto no número anterior, todo o eleitor deverá autenticar o verbete de inscrição a que se refere o artigo 31.º, apondo no mesmo a sua assinatura ou a sua impressão digital, conforme souber ou não, assinar. O preenchimento dos verbetes de inscrição e a sua

apresentação na comissão de recenseamento são obrigatórios e poderão ser feitos pelo próprio, por qualquer outro eleitor ou pelos partidos políticos.

3. Fora do território eleitoral, o recenseamento é voluntário.

Artigo 18.º — (Dever de verificação) — Todo o eleitor tem o dever de verificar se está devidamente inscrito e, em caso de erro ou omissão, o de requerer a respectiva rectificação ou inscrição.

Artigo 21.º — (Unicidade da inscrição) — Ninguém pode estar inscrito mais de que uma vez no recenseamento.

Artigo 22.º — (Teor da inscrição) — 1. A inscrição dos eleitores deverá ser feita pelo seu nome completo, filiação, data e local do nascimento e morada, com a indicação do lugar e da rua, número e andar do prédio.

2. Da inscrição constará também o número do Bilhete de Identidade, quando o eleitor o exiba ou esse número possa ser apurado, e ainda que haja expirado o seu prazo de validade.

Artigo 23.º — (Elaboração do recenseamento) — 1. O recenseamento será elaborado por uma comissão de recenseamento: no território eleitoral, em cada freguesia;

2. Com as comissões de recenseamento poderão cooperar os partidos políticos.

Artigo 31.º — (Processo de inscrição) — 1. Cada eleitor deverá ser inscrito nos cadernos do recenseamento mediante o preenchimento e a apresentação de um verbete individual de modelo anexo a este diploma.

2. O verbete de inscrição deverá ser assinado pelo eleitor ou conter a sua impressão digital, se o eleitor não souber assinar.

3. Quando o verbete for apresentado, deverá ser assinado pelo membro da comissão de recenseamento que o receber.

4. Quando a apresentação do verbete não for feita pelo próprio, deverá o apresentante assiná-lo também, identificando-se pelo seu bilhete de identidade ou fazendo reconhecer notarialmente a sua assinatura.

5. O reconhecimento notarial será gratuito.

Artigo 42.º — (Presunção de capacidade eleitoral) — 1. A inscrição de um cidadão no caderno de recenseamento, definitivo ou suplementar, implica a presunção de que ele tem capacidade eleitoral.

2. Esta presunção só poderá ser ilidida por documento, que a mesa da assembleia de voto possuir ou lhe for apresentado, comprovativo de incapacidade, nos termos do n.º 2 do artigo 39.º.

Para conhecimento geral se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nas portas das igrejas, nos lugares públicos de maior afluência e publicados em dois jornais do concelho.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, 28 de Novembro de 1974.

O CHEFE DA SECRETARIA,

Abílio José Proença

UM CONTO DE VEZ EM QUANDO

A vocação teatral do Manuel X

Não era bem a pessoa a quem, correntemente, se usa alcunhar de vadio, o Malito. Preguiçoso, talvez, à sua maneira, quando lhe aparecia que fazer e estava de boa «maré», trabalhava até cair. Quando, porém, a «maré» não lhe era boa, nem com uma metralhadora carregada em frente se decidia a mexer numa palha.

Conhecêramo-lo, quando moço, nas andanças e traquinices da idade escolar, e voltámos a conviver com ele na tropa, na missão para que fomos destacados nos Açores, onde o Malito constituía permanente quebra-cabeças para os superiores, que não sabiam — nem lhes interessava saber — quando ele estava de «maré» e que, ante a sua recusa terminante em tocar, em certos dias, no que quer que fosse, outro recurso não viam que o de remetê-lo para estúdios na cadeia do quartel.

Jam os estúdios precisamente atingindo a soma de dias correspondentes a uma já mais prolongada permanência no forte, ou depósito militar, quando providencialmente o batalhão foi desmobilizado e o Malito deixou, assim, de ter de preocupar-se — se alguma vez se preocupava — com os assuntos da disciplina militar.

Antes disso, porém, o alferes comandante do pelotão em que, com o nosso herói, estávamos integrados, pessoa amiga de rábulas teatrais e que nestas via um instrutivo e útil passatempo, resolveu fazer a récita da despedida.

Distribuídos os papéis, foi pedida a colaboração do Malito para um quadro índio, género batuque, em que a sua função, revestido de penas e pinturas à pele vermelha, era dar saltos e gritos, à moda do Far-West, em volta das «vítimas» que iam ser imoladas. A pseudo-tarefa apanhou-o de boa «maré», de modo que cumpriu a preceito todas as implícitas determinações e no fim, à laia de prémio, pôde figurar na foto-recordação que agrupava os intervenientes no palco onde se esboçava o memorável espectáculo, foto que, aliás, não comprou, por na altura estar um pouco em baixo de finanças.

Anos volvidos, encontramos de novo o Malito, agora na terra natal, insistindo em descrever-nos alguns dos locais percorridos nas tentativas, parece que geralmente infrutíferas, de adaptação a tarefa estável e sem influência de «marés». Como não podia deixar de ser, vieram à baila as lembranças dos «bons tempos» da tropa, acabando ele por fazer-nos a evocação, já romaneada, das récitas insulares, em que os superiores não dispensavam a sua actuação,

aplaudindo-o sempre com entusiasmo. Exultou quando lhe dissemos que conservávamos a foto-recordação da récita, e não descansou enquanto lhe não prometemos que lhe emprestaríamos, para mostrar à família. No outro dia, lá o tínhamos à porta, a perguntar-nos se poderíamos concretizar o empréstimo, o que nos demos pressa em fazer, para livrar-nos da sua insistência. Escusado será dizer que nunca mais vimos a foto, deixando, tempos depois, de ver também o seu novo proprietário, o que não estranhámos por conhecermos a sua tendência para correr mundo.

Certo dia, fomos em excursão, pelo rio, a uma terra, relativamente distante daquela onde residamos, e que ainda não visitáramos de barco, o que nos interessava fazer para ficar conhecendo o percurso. O regresso deveria ser na madrugada seguinte, para aproveitar a correnteza do rio e isto fez-nos, mais tarde, instalado à mesa do café local, pensar na melhor forma de passar o tempo até ao momento da partida, deixando para o fim a eventualidade de irnos dormir umas horas na pequena e incómoda embarcação que nos transportara. Muito inclinado, à alta de melhor, para esta última hipótese, preparávamo-nos para deixar o café quando o olhar se nos prendeu numa espécie de programa manuscrito, colado numa das montras do estabelecimento, em que uma companhia ambulante anunciava um espectáculo de teatro, nessa noite, com uma farsa de título chamativo. Satisfeito por ter onde passar umas horas, acabámos por encaminhar-nos para o «teatro», um barracão de razoáveis dimensões erguido nos arrabaldes. Comprado o bilhete, instalámo-nos o melhor que na contingência foi possível, e qual não foi o nosso espanto ao descobrirmos sob a rudimentar caracterização, entre as principais figuras da «companhia», precisamente o nosso velho companheiro Malito.

Fraquíssima foi a peça, a harmonizar-se com o paupérrimo trabalho dos intérpretes, mas, devemos confessá-lo, poucas vezes, um espectáculo nos divertiu tanto como aquele, para isso contribuindo o ensejo que tivemos de apreciar a exuberância do Malito, num trabalho para o qual, pelos vistos, estaria sempre de boa «maré». Porém, a surpresa maior ficara-nos reservada para o fim, quando ouvimos o reclame da peça que preenchia a representação seguinte, «supremamente interpretada por Manuel X, o grande actor que nos teatros dos Açores alcançou retumbantes êxitos, como pode demonstrar pelas fotografias em seu poder».

Claro que, embora nos não faltasse vontade, não pedimos ao «supremo intérprete» para nos mostrar a «histórica» fotografia.

Lima Pereira

VIVENDA na Praia de Faro

Vende-se. Trata telefonamente 23674 — Faro.

TERRENO PARA CULTURA

Pretende-se 1/2 a 1 hct, com água própria, no espaço compreendido entre a estação de Alcantarilha, Pêra, Albufeira, Quarteira, Almansil, Boliquireme e estação de Alcantarilha. Indicar se tem habitação, renda anual e localização.

Resposta a este jornal ao n.º 18 381.

Canção burguesa

por Luis Alberto Guerreiro

Pão e vinho sobre a mesa couros caros, reposteiros. Os filhos são engenheiros o marido é construtor. Gestos e delicadeza «o avô era doutor». — Nem sintomas de pobreza.

Pão e vinho sobre a mesa liques e salamaleques abrem-se e fecham-se os leques. Se desejar comer come barriga farta e obesa por nunca ter tido fome. — Nem sintomas de pobreza.

Pão e vinho sobre a mesa a fumaça de um cigarro ter dinheiro e um bom carro eis a paz que ela deseja. Nem sequer é avareza ou um mal que a gente veja. — Nem sintomas de pobreza.

Pão e vinho sobre a mesa a finura de um concerto. «O Zêzinho é muito esperto não perdeu ano nenhum». Há uns restos de magreza na pele de qualquer um. — Nem sintomas de pobreza.

Pão e vinho sobre a mesa a firma está na falência ou vergonha ou a ausência e que os cães fiquem mordendo nas canelas da pobreza que o vinho lá vai correndo — Há sintomas de avareza.

Loulé, 27-11-74

Do ódio de três maiúsculas

a M. C. tão perto e tão longe

É uma ressaca de onda imberbe chamando por mim na praia deserta da Construção.

São os grãos ouro chão dourado sol de areia ampuhetando os tímpanos, cantando. Sorrindo. Cantando. Gritam palavras cheias de nós no vento carícia beijos salgados de Amor.

É o desespero de te não ter aqui comigo, multidão enorme de vida. O medo desconcertante de voltar a estar só. A relutância de gritar Saudade.

José M. Bota

Branquinho & Branquinho (Irmãos), Lda.

Certifico narrativamente e para fins de publicação que por escritura lavrada em 9 do corrente mês, de fls. 40 a 42 do respectivo livro de notas para escrituras diversas n.º B-87 do notário do 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, abaixo assinado, foi aumentado o capital social da sociedade em epígrafe, com sede em Vila Real de Santo António, com a admissão de um novo sócio, passando os artigos 4.º, 2.º e 7.º a ter a seguinte redacção:

Art.º 4.º — O capital social é de 900 000\$00, integralmente realizado em dinheiro e é representado por 3 quotas: duas no valor de 350 000\$00, pertencentes uma ao sócio Pedro do Carmo Branquinho e outra ao sócio Manuel do Carmo Branquinho; uma outra no valor de 200 000\$00, pertencente ao sócio António Simplício Ramos.

Art.º 2.º — A sociedade tem a sua sede na Rua Teófilo Braga, n.ºs 104 e 106 em Vila Real de Santo António.

Art.º 7.º — A gerência e administração pertencem aos três sócios que ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com a remuneração que lhes for fixada em assembleia geral.

Vai conforme o original.

Faro, 13 de Setembro de 1974.

O Notário,

Francisco Carreto Clamote

Estrume de gados

Vende-se posto no Algarve. Dirigir a Jacinto Maruta Martins — telefone 22281 — Castro Verde.

ÀS MODISTAS EM TODO O PAÍS

ÓPTIMA OPORTUNIDADE

De obterem grandes lucros, colaborando com organização Luso-Suíça na venda e ensino de máquinas de: costura, engomar e tricotar nos seus próprios ateliers, podendo ainda adquirir estas a preços de revenda. Pegam toda a literatura e explicações, respondendo ao Apartado n.º 1421 — LISBOA-1.

CORREIO de LAGOS

SERÁ POSSÍVEL EVOLUIR SEM PRODUIR E POUPAR?

Porque o 25 de Abril surgiu com vista a um Portugal mais livre e progressivo, e não concebemos liberdade e progresso sem produção e poupança, sentimos que o caminho percorrido durante sete meses de liberdade, está longe de atingir algo que se aproxime do que necessitamos para alcançar a meta desejada.

Gasta-se centenas, senão milhares de contos em propaganda política, regra geral «baratas», pois custa admitir a profusão de prospectos nas paredes que chegam a atingir dezenas, juntos uns aos outros, com os mesmos dizeres. Poucos são os prédios poupados a frases e vivas escritas com tintas difíceis de limpar, que só servem para comprovar o atraso do nosso povo, pois não é incitando à revolta que se caminha, antes se retrocede. A falta de papel é notória, devendo ser poupado para fins úteis, e assim os partidos políticos podiam ser mais cuidados no seu consumo, limitando a afixação dos seus prospectos ou cartazes aos

locais próprios para o efeito. Os afixadores deveriam ter presente que o direito de propriedade é coisa sagrada, mas porque talvez na maioria executam as operações de afixação, sem qualquer noção de civismo, ou respeito pelos direitos alheios, vão ao ponto de não poupar os prédios com chapas de «afixação proibida», cujos proprietários pagam licença camarária.

Estamos em presença de processos mais anárquicos que democráticos, e porque se nos afigura que melhor poderão servir a Nação os que primarem em produzir e poupar, oxalá nos seja dado vir a constatar comedimento de quantos, querendo fazer prevalecer os seus ideais, não devem esquecer que a economia é a base da riqueza e que os direitos alheios devem ser respeitados.

A COMPANHIA RAFAEL DE OLIVEIRA EM LAGOS

Tivemos há dias ensejo de apreciar a Companhia Rafael de Oliveira na representação da peça «A tração do padre Martinho» no Cine Teatro Império. Com muitos admiradores em Lagos, mais uma vez ela nos revelou que através do teatro se pode reviver o que de bom e mau se passou no País ou em qualquer parte do Mundo. Na peça em causa vivem-se as perseguições que no regime fascista se faziam aos padres que se irmanavam com os humildes e que consideramos os verdadeiros padres, bem como a vontade férrea do povo para o manter, o que não se conseguiu pela acção de pides e legionários em colaboração com o clero e a burguesia.

A POLÍTICA AGRÁRIA DO P. P. D.

Porque a política agrária sempre dispensámos especial atenção, passámos uma «vista de olhos» pelo documento de trabalho que o P. P. D. elaborou com data de 17-7-74, e ficámos convencido de que, cumprido o que nele consta, poderíamos melhorar sensivelmente a situação caótica da agricultura portuguesa.

Há previsões que assegurariam melhores condições às empresas e aos que trabalham a terra, com assistência técnica e financeira que permita desenvolvimento mais compatível com as necessidades de produtores e consumidores e afigura-se-nos de aceitar tal política, por respeitadora do direito de propriedade, sem prejuízo das medidas que o Governo entenda por bem adoptar no sentido de evitar que os maiores proprietários continuem agindo como no regime anterior, explorando as massas trabalhadoras, ou abandonando muitos hectares de terra com prejuízo da economia nacional. Não foi esquecido o Crédito Agrícola Mútuo, que nasceu no advento da 1.ª República, e em nosso modesto entender não carece de grandes alterações para continuar servindo a lavoura.

Ligado há muitos anos aos destinos da Caixa Agrícola de Lagos temos tido ocasião de nos inteirar da precisão e eficiência dos Serviços de Crédito Agrícola que em Lisboa controlam através dos pedidos e balancetes das Caixas concelias, as operações feitas por estas, de tal modo, que deficiência apontada pelos Serviços, é falha certa das Caixas.

Para algumas alterações já propostas através de exposição formulada por pessoas com conhecimentos profundos do Crédito Agrícola, não constam participações activas da Inspeção ou Direcção dos Serviços Agrícolas nas respectivas Comissões de Estudo a título governamental, o que se afigura prejudicial a conclusões que resultem para tudo se adaptar às condições dos nossos dias.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Alfredo Garcia

ADVOGADO

Rua da Boavista, 81-1.º D.º
Telef. 664233 — Lisboa-2

Barcos de pesca e recreio à vela e a motor em poliéster reforçado com fibra de vidro



Construídos por: **APM** R. Convento da Sr.ª da Glória, 25 Telef. 63179 — LAGOS

Vende-se

Gerador de vapor, tipo horizontal, timbre 10 Kg./cm2, com capacidade 3,540 m3 e superfície de aquecimento de 41,40 m2 consumindo nafta com queimador Johnson e podendo adaptar-se a lenha. Mostra-se na Rua Manuel Martins Garrocho, 1 — Olhão.

Tratar com: J. Carlos da Cruz — Telef. 72314 — OLHAO.

O SEU POMAR

MERECE AS MELHORES ÁRVORES

CEREJEIRAS — FIGUEIRAS — MACIEIRAS
PEREIRAS — PESSEGUEIROS — NECTARINAS
NOGUEIRAS — PAVIAS

CONSULTE-NOS:

Viveiros SAPEC

SETÚBAL — Apartado 11 — Telef. 23062/3/4
LISBOA — R. Victor Cordon, 19 — Telef. 360715
PORTO — R. Sá da Bandeira, 746-1.º — Telef. 23727
BEJA — R. de Mértola, 23-1.º — Telef. 22129

AGENTES EM TODO O PAÍS

para uma adubação equilibrada das árvores de fruto

ADUBO COMPLEXO GRANULADO

COMPANHIA UNIÃO FABRIL
DIVISÃO DE ADUBOS E PESTICIDAS



111 10% azoto - 10% anidr. fosf. - 10% potassa
222 15% azoto - 15% anidr. fosf. - 15% potassa
133 7% azoto - 21% anidr. fosf. - 21% potassa

PARA CADA SOLO UM EQUILÍBRIO

Cartório Notarial de Oeiras

Constituição de Sociedade

No dia 19 de Junho de 1974, neste Cartório Notarial de Oeiras, perante mim, Manuel Vicente Faria, notário deste Cartório, compareceram, como outorgantes:

1.º D. Luís Maria da Assunção de Sousa e Holstein Beck (Duque de Palmela), casado sob o regime de separação de bens com D. Maria Teresa de Jesus Assis Pereira Palha, com residência habitual em Queluz, no Largo do Palácio de Queluz, 6, concelho de Sintra, e natural de Lisboa; e

2.º Graciano Ferra de Jesus Relógio, natural do Montijo, com residência habitual em Lisboa, na Rua João Coimbra, lote 708, ao Restelo, casado sob o regime da comunhão geral com D. Maria Manuela Marques de Jesus Relógio.

Os outorgantes declararam: Que constituem entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos constantes dos artigos seguintes:

Artigo 1.º — A sociedade adopta a firma Palmela & Relógio, Limitada, com sede em Lisboa, na Rua Garrett, 80, 3.º-B; durará por tempo indeterminado e conta o seu início a partir de hoje.

§ único — A sociedade poderá abrir delegações ou quaisquer formas de representação, no País (continente, ilhas adjacentes ou ultramar), e por simples deliberação da gerência a sede poderá ser deslocada dentro da mesma localidade.

Art. 2.º — O objecto da sociedade é a indústria de construção civil de obras públicas ou particulares, podendo ainda dedicar-se ao comércio de compra, venda e troca de propriedades, urbanas ou rústicas, podendo, no entanto, dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial que os sócios acordem, mediante deliberação da assembleia geral e que não seja proibida por lei.

Art. 3.º — O capital social integralmente realizado em dinheiro é de UM MILHAO E SETECENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes; uma de 510 000\$00, pertencente ao primeiro outorgante, Luís Maria da Assunção de Sousa e Holstein Beck, e uma de 1 190 000\$00, pertencente ao segundo outorgante, Graciano Ferra de Jesus Relógio.

Art. 4.º — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento por escrito da totalidade dos restantes sócios.

§ 1.º — A cessão entre sócios é permitida, mas fica reservada à sociedade, em primeiro lugar, e ao conjunto dos sócios não cedentes, em segundo lugar, a faculdade de preferirem na aquisição, marcando-se prazo de trinta dias para o exercício deste direito, prazo que é desdobrado em dois períodos de quinze dias, um para cada um dos graus de preferência pela respectiva ordem.

§ 2.º — Sempre que em caso de cessão de quotas houver lugar ao exercício do direito de preferência por parte da

sociedade ou do conjunto dos sócios em vínculo de propriedade, quem preferir não será obrigado a pagar pela quota alienanda um preço superior ao que resultar do seu valor nominal, acrescido da parte que lhe corresponder em todos os fundos sociais.

Art. 5.º — É autorizada a amortização de quotas nos seguintes casos:

a) penhora, arresto ou qualquer providência judicial incidente sobre a quota;

b) por acordo com o seu titular;

c) quando se verificar a interdição de qualquer sócio.

§ 1.º — Salvo o caso da alínea b) do corpo deste artigo, o valor da quota amortizada será o seu valor nominal, acrescido da percentagem que lhe couber nos fundos sociais, e o pagamento será efectuado no prazo de um ano, em quatro prestações iguais, trimestrais.

§ 2.º — A amortização constará de escritura pública e a quota amortizada poderá ser cedida aos sócios em regime de compropriedade, em quinhões proporcionais às suas quotas.

Art. 6.º — A administração da sociedade fica a cargo do sócio Graciano Ferra de Jesus Relógio, que desde já é nomeado gerente, dispensado de caução e com a remuneração que for estabelecida em assembleia geral.

§ 1.º — Para obrigar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, em todos os actos e contratos, é necessária a assinatura do sócio gerente.

§ 2.º — O sócio gerente pode delegar os seus poderes, no todo ou em parte, em qualquer pessoa singular ou em qualquer sociedade através do seu legal representante, mediante outorga da competente procuração.

§ 3.º — Os sócios reunir-se-ão com a periodicidade que entre si combinaram e poderão escolher um deles para presidente a quem poderão conferir determinados poderes especiais.

§ 4.º — Todas as deliberações deverão constar de um livro de actas, com base no qual se apurará a licitude interna dos actos e contratos com eficácia perante terceiros.

Art. 7.º — A nenhum sócio é permitido assinar, em nome da sociedade, documentos estranhos aos negócios sociais, designadamente letras de favor, fianças, subfianças e similares, sob pena de responder por todos os prejuízos que dessa conduta irregular advierem.

Art. 8.º — As assembleias gerais serão convocadas, por meio de carta registada, com aviso de recepção, com oito dias, pelo menos, de antecedência em relação à data da sua realização.

Art. 9.º — É permitido a qualquer sócio fazer-se representar nas assembleias gerais por outro sócio, mediante simples escrito particular.

§ único. — Não é, porém, permitida a representação em assembleia geral de mais do

que um sócio pela mesma pessoa.

Art. 10.º — No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os sócios sobreviventes ou capazes e com os herdeiros do sócio falecido ou o representante legal do interdito, devendo os herdeiros nomear, entre si, um que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

§ 1.º — Na hipótese da sucessão ou representação se não diferir a cônjuge ou descendente do falecido ou incapaz, a sociedade reserva-se o direito de proceder à amortização da respectiva quota.

§ 2.º — Para efeitos da amortização consignada no parágrafo anterior, o valor da quota transmitida será o que resultar do balanço efectuado em relação ao exercício imediatamente anterior, salvo se, por deliberação da sociedade,

esta preferir elaborar, no prazo de sessenta dias, um novo balanço reportado à data em que a transmissão ocorrer de direito.

Art. 11.º — No fim de cada ano proceder-se-á a balanço, e o resultado, positivo ou negativo, depois de cumpridas as exigências legais, será distribuído ou suportado pelos sócios na proporção das suas quotas, salvo se outra for a deliberação da assembleia geral.

Art. 12.º — A sociedade dissolver-se-á nos casos fixados na lei e por deliberação dos sócios.

§ único. — Dissolvida a sociedade, será nomeada uma comissão liquidatária constituída por sócios, de acordo com a deliberação da assembleia geral.

Art. 13.º — Fica estipulado o foro da comarca de Lisboa para todas as questões a dirimir entre os sócios ou en-

tre estes e a sociedade, com expressa renúncia a qualquer outro.

Arquivo: uma certidão expedida pela Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, em 18 deste mês, pela qual se verifica que a firma adoptada não é susceptível de confusão com outra já registada.

Adverti os outorgantes da obrigação de requererem o respectivo registo no prazo de três meses a contar de hoje.

A identidade dos outorgantes foi verificada por meu conhecimento pessoal a do primeiro, e a do segundo por me ter exibido o seu bilhete de identidade n.º 4564660, de 30-4-1965, do Arquivo de Lisboa.

Esta escritura foi lida aos outorgantes e a eles explicado o seu conteúdo, em voz alta, na presença simultânea de ambos.

Cartório Notarial de Oeiras, 20 de Junho de 1974.

O Notário,

Manuel Vicente Faria

Calendário de radiorastreio da tuberculose

As unidades móveis do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos em actuação no Algarve, para efeitos de obtenção de microradiografias do tórax, actuam na próxima semana em Tavira com o seguinte horário:

Dias 16 e 17, na Escola Técnica, Liceu e Escola Preparatória; dia 18, funcionários e familiares (10 horas); e boletins de sanidade (15 horas); dias 19, 20 e 21, boletins de sanidade.

A obtenção da microradiografia do tórax é indispensável a todos os indivíduos que trabalham com géneros alimentícios, candidatos a portadores do boletim de sanidade ou portadores do mesmo que necessitem de o renovar no próximo ano.

PORTEIROS

Para cuidar de Bloco de Apartamentos na Praia da Rocha. Preferivelmente casal aposentado. Dá-se casa mobilada, água, luz e remuneração compatível. Resposta a este jornal ao n.º 18 358.

VENDE-SE OU ARRENDA-SE

Hotel Caique, em Olhão, 40 quartos.
Telefone 72167.



a nossa terra...

A sua terra é a nossa terra.
A sua seara o nosso pão.
O seu gado o nosso alimento.
A sua casa é parte da nossa aldeia, da nossa vila, da nossa cidade.
A sua família é parte da grande família que somos todos. Contribua para o progresso da sua terra, da nossa terra. Proteja a sua família, a sua casa, os seus haveres do perigo imprevisto, do acidente.
A Ultramarina garante-lhe a valorização constante dos seus bens. E um futuro melhor para a sua família. Para a sua terra. Para a nossa terra.



COMPANHIA DE SEGUROS

ULTRAMARINA
onde o futuro é mais seguro

do alto da torre



A LEI DO JOGO

DESCONCHAVO, disparate ou mais propriamente paradoxo, é tudo aquilo que se opõe à coerência ou plano traçado para servir como lei. Por conseguinte, serão disparatadas todas as acções ou ditos fora de propósito, por falta de reflexão ou por incoerência e disparidade de ideias.

Existem ainda os desconchavos propositados; mas para esses a lei é dura. Se não, vejamos:

Quando um jogador de futebol toca a bola com a mão, pratica uma infracção e é punido; desde que o árbitro veja, claro. Pois se o futebol foi inventado para se jogar com os pés, porque é que ele lá vai meter as mãos? Em contrapartida, se um praticante de andebol joga o esférico com os pés, vai contra as regras do jogo e sofre o inevitável castigo. Toda a gente sabe que o andebol se fez para ser jogado com as mãos. Fazê-lo com os pés é disparate autêntico. Seria também paradoxal jogar-se ao hóquei sem utilizar «stik», ou praticar-se hipismo sem ter uma cavalgadura!

As regras devem ser respeitadas, de maneira que o sistema não sofra alterações ao ponto de o público amante da modalidade vociferar impérios e retirar-se aborrecido.

Todavia, há excepções; e aí é que o paradoxo torce o rabo! Por exemplo: há quem atire aos pombos (aves que simbolizam a paz) quem mate um toiro e vá direitinho e ganhe uma grande taça; e há para a cadeia!

E tal como acontece com o desporto, também na vida pública há desconchavos e atropelos às regras e indivíduos que, à semelhança dos praticantes do futebol e do andebol, metem os pés pelas mãos e vice-versa.

Para ilustrar o que acima dizemos, vamos transcrever um apontamento vindo a lume num jornal já há uns quantos anos: «Esteve na quinta-feira no Algarve em curta visita de trabalho, o sr. ministro da Marinha, almirante Quintanilha de Mendonça Dias, que se fazia acompanhar dos srs. contra-almirante Fialho, director-geral da Marinha, comodoro Henrique Tenreiro, deputado pelo Algarve e delegado do Governo junto dos organismos das pescas, e do seu ajudante de ordens 1.º-tenente Alvarenga. O sr. ministro da Marinha presidiu a uma importante reunião em S. Brás de Alportel com os capitães dos portos do Algarve, tendo sido ventiladas importantes questões do fomento marítimo regional.

Então, está bem ou não está? A importante reunião foi em S. Brás de Alportel, na pousada, claro; mas também poderia ter sido em Santa Catarina da Fonte do Bispo, onde há uma excelente aguardente de medronho, ou em Cachopo; porque para tratar de problemas marítimos não há nada como a serra! Era a lei do jogo... deles!

Aliás, usava-se muito a contradição. Consta, por exemplo, que, quando as entidades oficiais vinham visitar o porto da Fuseta e inteirar-se dos queixumes dos pescadores acerca da barra e da ria, apareciam sempre com a maré-cheia. Não se sabe bem porquê, mas era assim. E surge a pergunta: Como conseguiriam eles fazer a devida apreciação se as águas cobriam tudo? Como poderiam inteirar-se dos problemas dos marítimos se não os verificavam «in loco», na baixa-mar?

Como facilmente se deduz, o espectáculo do porto com a maré-cheia é impressionante. As casas brancas da povoação reflectem-se no azul calmo da ria; os fundos arenosos ou lamacentos ficam submersos pelas águas; e os barcos, quais gaivotas alegres, deslizam ligeiros pelo canal de acesso à lota.

Dá a ideia de um quadro pintado pela Natureza, conquistando a atenção do visitante mais exigente. Era o que acontecia com as entidades oficiais. Esses dois ou três senhores onnipotentes, olhavam o panorama com olhos conhecedores e abanavam gravemente a cabeça em sinal de concordância. E toda a gente pensava: «Eles estão a dizer que isto está mal e tem que ser devidamente dragado. Vão mandar para cá uma draga o mais rapidamente possível. Reparem como eles abanam a cabeça!

Final, toda a gente se enganava, porque eles contemplavam a paisagem e diziam uns para os outros:

1.º senhor — Que lindo porto este, hein?

2.º senhor — É verdade. Não me canso de o admirar. Não compreendo o que estes gajos querem!...

3.º senhor — Ora o que querem. Chatiar a gente como sempre. Afinal de contas os barcos navegam perfeitamente!

1.º senhor — Sabe uma coisa, colega, a draga que era para vir para a Fuseta, é melhor mandá-la



**COLABORE NO PROGRESSO DO SEU PAÍS
GUARDANDO O SEU DINHEIRO NOS BANCOS**

O seu futuro planeia-se. Com dinheiro. O futuro dum País também. Com o dinheiro de cada um e de todos. Guarde-o nos bancos. Ganhe dinheiro depositando. Assim, o seu dinheiro estará protegido e constituirá uma fonte de investimentos produtivos para o progresso do País. Progresso de que você beneficiará também, através do desenvolvimento da indústria, da agricultura, do comércio. Deposite nos bancos o seu dinheiro, pois, aí, ele será sempre seu. Do dinheiro que você gasta e do dinheiro que você guarda, o País precisa. Participe, depositando.



BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

para Vila Nova dos Alforjes!...

3.º senhor — Tem razão, caro colega. Isto aqui está uma beleza. Olhe, repare naqueles terrenos além em cima. Como é que se chama aquele sítio?

— Atalaia — informa um burro que os acompanha.

3.º senhor — Atalaia... Sim, senhor! Bonito local para se construir uma vivenda.

1.º Senhor — Se eu não tivesse já uma em Sintra, outra em Cascais e outra na Praia da Rocha, garanto-lhe que mandava construir ali uma!...

2.º senhor — Esta terra tem um grande futuro turístico. Aquilo que está além é um casino, não é?...

— Perdão — informa o burro — Aquilo é o Posto de Socorros a Náufragos.

2.º senhor — Muito me conta. Estes pescadores estão servidos de todos os requisitos modernos. Não compreendo o que viemos cá fazer!...

1.º senhor — Sempre gostava de saber quem foi a besta que nos convidou!

3.º senhor — Vamos mas é embora. Quero que os pescadores se seringuem!...

E afastam-se, por entre palmas e aclamações.

Isto, claro, era dantes. Só pedimos a Deus que agora seja diferente;

rente; e que quando tenham que apreciar uma obra que é necessária para a maré-baixa, não apareçam novamente com a maré-cheia. Se não, lá se vai tudo por água abaixo.

E que estamos tão fartos de paradoxos nesta terra, que agora até o salva-vidas mete água!

Reis d'Andrade

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, Rua D. Francisco Gomes, 42.

José Castel-Branco
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DO CORAÇÃO
CONSULTAS:
2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, às 15 horas e 3.ª e 5.ª feiras, às 18 horas, na Rua Baptista Lopes, 24-1.º Dt.º em Faro.
Telefone 26164

Estores «Duralex» e Revestimentos Prestígio
Representado por: GAVINO SIMÕES
Fazem-se e Reparam-se Estores em Madeira, Metálicos e Plásticos.
Fornecimento e Aplicação de Alcatifas, Revestimentos Plásticos (mosaico ou peça) e Papéis Laváveis e Vinílicos para paredes.
Orçamentos grátis:
Rua D. Francisco Gomes, 37-3.º Esq.º — Tel. 366 — Vila Real de Santo António.

Viva despreocupado
Empregue o seu capital
Cesário & C.ª, Lda.
EXISTE PARA O SERVIR
Vende, compra e troca
MORADIAS
ANDARES
APARTAMENTOS
em regime de propriedade horizontal
Encarrega-se de todos os contactos com inquilinos
Sede: Rua José de Matos, 33
Telefs. 26216 ou 25998 de FARO

A construção civil e o desemprego

(Conclusão da 1.ª página)

cinco anos, 70% das operações bancárias efectuadas na nossa Província, tiveram a sua origem na construção civil. Igualmente se pode admitir que as receitas entradas nos cofres do Estado, com base nesta indústria, possam somar quantidades a ter em conta e nem sempre comparáveis a outros géneros de indústria.

Ora, como é do conhecimento geral, estamos em presença de uma quebra no tão influente sector da construção civil, ao ponto de nele computarmos uma baixa da ordem dos 50%. As desagradáveis consequências, ainda que não queiramos usar de excessivo pessimismo, podem ser de temer. O desemprego abeira-se de milhares de lares, com tendência para aumentar. Isto, por si só, seria motivo para sérias apreensões, mas todas as restantes indústrias que acima referimos poderão vir a ressentir-se e assim aumentar o volume do desemprego.

Temos em presença, dois casos concretos: há um ou dois anos, sentia-se em Quarteira a influência da abundância de trabalho na construção civil e fervilhava o labor da classe operária ligada à mesma. Hoje, são obras que pararam, são outras a laborar a «meio-gás», outras ainda que ficaram no projecto, enfim, um não acabar de motivos que originam uma ausência verdadeiramente notável e sentida naquela povoação. Quem percorresse o trajecto entre Vale do Lobo e Almansil, das 7 às 8 horas da manhã de cada um dos dias de trabalho, cruzava com largas centenas de operários da construção civil; hoje, esse movimento está reduzido a menos de metade.

Chegamos assim ao ponto de poder formular várias interrogações: O que se passou? Porquê, esta quebra? O que receiam os construtores? Ao cronista, interrogar é fácil e cómodo, mas quase sempre se lhe exige a resposta e tantas vezes meia solução, ou competência para uma análise detalhada. Pois sinceramente, não estamos apto a responder, nem descortinamos uma total solução a curto prazo, até porque não estamos ligados à construção civil. Contudo, e dado que o leitor tem o direito a uma opinião, e o País necessita da opinião de todos, será de tentar uma análise ao assunto.

O anterior regime pouco se preocupou com o problema da habitação para as classes mais débeis, não se preocupou nada, com a euforia dos preços de rendas de casa, que poderia ter sido combatido com os dinheiros da Previdência, construindo habitações em vez de compra de acções. Daí o caminho aberto à ganância dos construtores, o convite a quem tinha dinheiro para a compra de casas, já que as rendas eram compensadoras e possuir uma ou mais casas para renda, representava uma reforma para amanhã e, ao mesmo tempo, uma poderosa arma para combater a política que o Marcelismo temia. Construir apartamentos para venda tornou-se a corriqueira hipótese de enriquecer depressa. Por outro lado, havia facilidade nas operações bancárias, que tanto poderiam convidar o construtor, como o comprador ou o aventureiro.

Na nossa Província, como aliás noutros pontos do País, o turismo abriu caminho a novas aventuras e induziu no espírito de muitos a ideia de que se estava em presença de uma verdadeira e duradoura época de «vacas gordas».

Surgiu o 25 de Abril e, sem que houvesse razão para tal, tudo se modificou. Em muitos dos construtores, se não em todos, infiltrou-se a certeza de que algo se teria de modificar. Os Bancos retraíram-se, as possibilidades de venda tornaram-se duvidosas, como duvidoso se tornou o enriquecer em pouco tempo. O turismo, talvez por dificuldades internacionais, diminuiu em quantidade na afluência. Depois o receio das greves, o aumento de ordenados, uma pontinha de reacção à mistura, receio de controle nas vendas, congelamento de rendas, aumento de taxa de juros nos Bancos e a quase certeza de rendas mais baixas, tudo terá contribuído para uma acentuada quebra na construção civil, cuja origem terá partido de vários pontos e nascido de muitas razões.

Se em alguns casos o retraimento merecia justa condenação, outros há a pedir o bom senso num julgamento que só poderia terminar com a absolvição dos réus. Isto se tomarmos em conta que a responsabilidade na crise da construção civil, pertence à maioria dos habitantes deste País. Se não, vejamos até que ponto se pode encontrar explicação para uma parte do fenómeno: um chefe de família, sendo possuidor de 400 contos, podia comprar um apartamento, evitando assim de pagar aluguer e podendo mesmo receber uma renda mensal de dois contos, mas logo faz as seguintes contas: 12 meses são 24 contos, retirando 4 para conservação - impostos, ficam 20. 400 contos no Banco, a 8,5 rendem num ano 32 contos livres. E então não compra, até que possa surgir a possibilidade de uma renda ainda

mais baixa. Outros poderão existir que, possuindo só 200 contos, poderiam numa operação bancária, levantar o restante, mas também essa possibilidade está um tanto difícil, porque o crédito anda um pouco ausente. Quantos milhares de pessoas estarão nestas condições? Que grau de culpa se lhes poderá atribuir neste caso? Poderemos considerá-los reacçãoários? Analisando a atitude dos construtores poderão encontrar-se condenáveis excepções, mas existe em todos nós a ideia generalizada de produzir um artigo quando o mesmo é vendável.

Portanto, com a subida de todos os materiais, ordenados e juros e a baixa das rendas, não vislumbramos hipótese de se evitar a crise no sector da construção civil. Só a abundância pode contribuir para uma baixa e esta só a poderemos esperar dos milhões de contos da Previdência. A Previdência compete, e não será favor, beneficiar todos os que precisam. E para isso que se desconta e é esse o sistema usado nos países democráticos, pois se entrou em moda chamar reacçãoário a qualquer indígena, não nos esqueçamos dos deveres do Fundo de Desemprego e da Caixa

Recenseamento eleitoral em Faro

A Comissão de Recenseamento Eleitoral da freguesia de São Pedro, em Faro, no sentido de facilitar as operações de recenseamento nas povoações suburbanas faz ali deslocar uma brigada itinerante com o seguinte calendário:

Pontes de Marchil (Clube Atlético Pontense), dias 14 e 15, das 9,30 às 15,20 horas; Patacão, dias 16 a 20, das 19 às 23 horas; Mar e Guerra, dias 21 e 22, das 9 às 12,30 horas e das 19 às 23 horas.

Móveis para exteriores, em fibra de vidro



Fabricantes:

APM

R. Convento da Sr.ª da Glória, 25
Telef. 63179 — LAGOS

de Previdência. Há muitas necessidades e poderá haver muito mais desempregados.

Manuel Faria

134 mil contos para a Comissão Regional de Turismo

Pelo decreto n.º 689/74, foi aberto no Ministério das Finanças a favor da Comissão Regional de Turismo do Algarve um crédito especial de 134 mil contos, com destino ao Plano de Infra-estruturas Urbanísticas criado pelo decreto n.º 114/70.

2 Lotes de terreno

No Montenegro, vendem-se. Trata telefone 23674 — Faro.



BASTOS & BRANDÃO, L.D.A. VALE DE CAMBRA PORTO-R. D. António Barroso, 139

Vila Real de Santo António Que realidade?

(Conclusão da 1.ª página)

Vila Real de Santo António, terrena à beira-Guadiana plantada, tem um total de 10 320 habitantes, mais 3 443 da freguesia de Vila Nova de Cacela, o que perfaz 13 763 habitantes.

Das estatísticas do hospital recolhemos os seguintes elementos, referentes ao ano de 1973: doentes entrados, 328; tratamentos efectuados, 4 792; consultas externas efectuadas, 184 (de medicina geral); intervenções cirúrgicas, 155; consultas de neuroterapia efectuadas, cerca de 20.

O pessoal deste hospital (o único que se pode dizer com algumas condições numa área muito superior

a 65 km.2) é o seguinte: dois ajudantes de enfermagem, três aprendizes de enfermagem e uma iniciada de 15 anos; tem ainda quatro empregados para outros serviços.

Falámos com os empregados e eles referiram-se aos seus problemas. Disse-nos Jacinto Teixeira, ajudante de enfermagem:

— Eu aqui não tenho horário propriamente dito... eu tenho que desenrascar aquilo que posso...

— Há algum médico de serviço permanente? — perguntámos.

— Não. Não há médico de serviço permanente; há, sim, um médico que nós chamamos quando há serviços de urgência.

Fomos informados ainda de que neste hospital fazem serviço quatro médicos e funciona um banco, o qual, principalmente no Verão, tempo de férias, está constantemente com serviços de urgência.

No dia em que estivemos no hospital, um cidadão chamou-nos a atenção, dizendo-nos:

— O senhor é de algum órgão da Imprensa... pois seria bom que alertasse para o facto de que aqui NAO HÁ UM MÉDICO DE SERVIÇO e está ali um doente.

Olhámos o amigo, e aqui deixamos o seu apelo, e acrescentamos: é urgente resolver o problema do Hospital; e de seguida recordámo-nos: será isto só em Vila Real de Santo António?

Disse-nos uma jovem, aprendiz de enfermagem:

— Nós aqui não temos horário; fartamo-nos de trabalhar (não há horas extraordinárias) e o nosso excesso de trabalho é um trabalho de consciência.

O POSTO DA CAIXA

Estivemos também no Posto da Caixa, onde recolhemos alguns elementos que nos dão ideia do que é urgente transformar.

Estão a receber assistência médica no posto, 8 300 beneficiários e familiares; há um total de cinco médicos, dois enfermeiros, dois auxiliares de enfermagem e uma parteira.

Durante o primeiro semestre de 1974, foram assistidos 1 028 beneficiários (em ginecologia foram assistidas 1 090 pessoas), mas temos que lembrar o seguinte: em casos de pediatria, os doentes têm de ir a Olhão, a 49 kms, de Vila Real de Santo António; em casos de oftalmologia, raios X, termotologia, ortopedia, etc. os doentes têm de ir a Faro, povoação a 52 kms.

Através de tudo isto, que pensar? Disse-nos a funcionária que nos deu os elementos atrás transcritos:

— É uma coisa difícil, isto de os médicos chegarem à fronteira.

Nós perguntámos: — Não têm os portugueses da fronteira os mesmos direitos dos do centro? Quando acabaremos com o macrocefalismo?

É urgente acabar com a caridade na assistência médico-social, e oxalá (esperemos que sim) num futuro breve possamos regozijar-nos com isso.

DISPENSÁRIO DO I. A. N. T.

Existe na vila também um dispensário, cujo objectivo é despistar e tratar doenças pulmonares. Tem uma enfermeira e dois médicos; pouco mais podemos colher, pois o responsável pelo dispensário, disse-nos «não poder dar elementos por não estar a isso autorizado».

CENTRO DE SAÚDE

Existe ainda em Vila Real de Santo António um Centro de Saúde (ex-Subdelegação de Saúde) cujos objectivos nos disseram ser os seguintes:

Atender a população que não esteja coberta por nenhuma instituição de previdência. Embora a actividade esteja mais relacionada com a profilaxia e doenças infecto-contagiosas, há ali quatro médicos, os quais estão todos no hospital, há um auxiliar de enfermagem e duas auxiliares de saúde pública.

COLERA — O Centro tem desenvolvido uma actividade de consciencialização, junto da população, alertando para a necessidade de higiene.

QUANTOS MÉDICOS HÁ?

Um último aspecto que aqui queremos focar e isto a título de curiosidade, é o seguinte: em Vila Real de Santo António há um total de seis médicos, os quais se dividem pelas diversas instituições de saúde aqui apontadas. As suas idades estão compreendidas entre os 71 anos e os 37 anos (existindo no meio dois de 63 anos, um de 64 anos e um de 47 anos). Curioso, não acham?!

É pois urgente um novo hospital em Vila Real de Santo António. É pois urgente fazer chegar os médicos à fronteira!

É pois urgente...

Sousa Pereira

O JORNAL DO ALGARVE Vende-se, em Vila Real de Santo António, na Havaneza

TEMPO DE TRABALHO

A POUPANÇA RESULTA DO TRABALHO DE CADA UM. DEFENDA O RESULTADO DO SEU TRABALHO, EM SEU BENEFÍCIO E NO DO PAÍS.

DEPÓSITOS A MAIS DE UM ANO: JUROS DE 8,5%
DEPÓSITOS ESPECIAIS DE POUPANÇA: JUROS ATÉ

9,5%

(Isentos de quaisquer impostos)



Deposite na

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

OS DEPÓSITOS NA CAIXA TÊM A GARANTIA DO ESTADO



FLUMEN

Actualidades desportivas

FUTEBOL

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

comentários de João Leal

No confronto Algarve-cidade invicta, o equilíbrio prevaleceu, com uma vitória para cada lado. Por sinal o factor «casa» foi determinante, e Porto e Olhanense saíram vitoriosos.

Em Olhão houve uma autêntica reviravolta, não apenas de resultado mas de aplicação ao jogo. No 1.º tempo, foi um encanto ver o Boavista a jogar, fazendo o esférico rolar de um para outro compartimento, obrigando o antagonista a um esforço inglório. Bastas vezes nos lembramos das imagens televisivas da última presença nacional em Wembley. Nos últimos 45 minutos, tivemos um Olhanense diferente, com garra e determinação, consolidando a defesa, impondo-se com Hélder no meio campo e obrigando os dianteiros à procura da concretização. Um excesso de confiança talvez haja traído os axadrezados. Uma doação total à luta e a mudança de tática, talvez hajam alicerçado o triunfo algarvio.

No Porto e frente ao agora guia-único do Nacional, o caso do «penalty» foi um dos da jornada. Do desentendimento entre árbitro e fiscal de linha veio a ser vítima o Farense, castigado com uma grande penalidade que foi a chave para o triunfo portista. Era natural que a vitória portista viesse a acontecer, mas são sempre desagradáveis coisas desta natureza. O Farense reafirmou nas Antas e perante 45 mil espectadores, a justiça do lugar que ocupa na tabela classificativa, revelando pujança física, interligação e maturidade, que proporcionaram um equilíbrio despojado.

RESULTADOS DOS JOGOS CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Olhanense, 3 — Boavista, 1
Porto, 2 — Farense, 0

II DIVISÃO

Torres Novas, 2 — Portimonense, 2

III DIVISÃO

Seixal, 2 — Sambrazense, 1
Silves, 2 — Beja, 2
Lusitano, 5 — Reguengos, 1
Torralta, 1 — Esperança, 2

JUNIORES

Atlético, 1 — Farense, 1

CAMPEONATO DISTRITAL

Lagoa, 0 — Silves, 3
Lusitano, 0 — Olhanense, 5
Sambrazense, 1 — Esperança, 2
Portimonense, 0 — São Luís, 1

JUVENIS

Louletano, 3 — Quarteirense, 1
Moncarapachense, 3 — Farense B, 1
Lusitano, 1 — Olhanense A, 1
Silves, 6 — Lagoa, 0
Olhanense B, 0 — Farense A, 2

JOGOS PARA AMANHÃ CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Farense-Guimarães
Espinho-Olhanense

II DIVISÃO

Portimonense-Marinhense

III DIVISÃO

Sambrazense-Olivais
Luso-Silves
Vasco da Gama-Torralta
Esperança-Alcochetense
Aljustrelense-Lusitano

JUNIORES

Farense-Sporting

CAMPEONATO DISTRITAL

Olhanense-Lagoa
Esperança-Lusitano
São Luís-Sambrazense
Tavirense-Portimonense

JUVENIS

Lagoa-Esperança
Farense A-Portimonense
Quarteirense-Lusitano
Farense B-Louletano
Olhanense A-São Luís

Troféu «Brandy Casal Sereno»

Vem aí o Natal

El com ele o ensejo de distribuímos entre os nossos leitores algumas embalagens do Brandy Casal Sereno.

Tal como noticiámos no último número, sortearemos entre quantos nos enviarem os cupões-votos até 19 deste mês, embalagens de Brandy Casal Sereno, um produto que

de há muito conquistou a preferência dos entendidos. Recordamos que o Brandy Casal Sereno patrocinou a nossa iniciativa de «O futebolista algarvio do ano».

Hoje, voltamos a incluir novo cupão-voto, que deve ser recortado, preenchido, colado num bilhete-postal e enviado a *Jornal do Algarve*, Apartado 12, Vila Real de Santo António.

TROFÉU «BRANDY CASAL SERENO»
«O FUTEBOLISTA ALGARVIO DO ANO»

BRANDY CASAL SERENO Nome: _____
Clube: _____
Votante: _____
Endereço: _____

ATLETISMO

Dentro de um plano de divulgação e massificação das actividades desportivas que se está pretendendo levar a efeito no País, a Associação de Atletismo de Faro, no campo que lhe diz respeito vai tentar realizar, durante o mês de Dezembro, uma movimentação de jovens em provas de corta-mato, por toda a Província. Foram contactados núcleos em Lagos, Portimão, Lagoa, Silves, Tunes, Albufeira, Paderne, Loulé, Quarteira, Faro, Olhão, Tavira, Fusetta e Vila Real de Santo António, que terão a seu cargo a realização das provas a nível local, a que se seguirá em Janeiro uma fase distrital.

Para além das terras mencionadas, de outras que queiram entrar nesta movimentação poderá contactar-se a sede da Associação de Atletismo, em Faro (na Rua Brites de Almeida, 32-1.º dt.º) onde serão dados todos os esclarecimentos necessários, assim como auxiliares técnicos, propagação, etc.

Concordamos em que esta maneira de apresentar a modalidade através da competição não é o meio mais indicado para se motivar jovens para a prática desportiva, pois que acima de tudo se lhes deve fazer ver o lado formativo, cultural, higiénico e recreativo, do exercício físico.

Mas, que mais e melhor se poderá fazer de momento com todas as carências materiais e humanas que infelizmente ainda existem na nossa terra? Não temos pistas, nem os recintos tão necessários, nem sequer professores de educação física, monitores ou treinadores em número suficiente que ajudem a população com os seus indispensáveis ensinamentos numa massificação desportiva.

A. P.

TEVE MUITOS CONCORRENTES O «CIRCUITO DE SALIR»

Correu-se no sábado passado, a primeira edição do Circuito de Salir, prova que serviu de excelente propagação à modalidade naquela zona do interior algarvio.

De salientar a presença de alguns atletas do Sporting e do Benfica, assim como o ressurgimento de atletas do Louletano Desportos Clube, neste género de competições. Classificações: Iniciados/Juvenis (2 250 metros): 1.º, João Campos, Liceu de Faro, 6 m, 47 s; 2.º, Pedro Agostinho, Escola Faro, 7, 00; 3.º, Luís Horta, Liceu de Faro, 7, 14; 4.º, David Guerreiro, Louletano A, 7, 23; 5.º, Humberto Miguel, Liceu de Faro, 7, 24; 6.º, Meira Pinto, Liceu de Faro, 7, 25; 7.º, Joaquim Carlos, Algôs e Benfica, 7, 29; 8.º, Cláudio Santos, Liceu de Faro, 7, 41; 9.º, Fernando Pires, Louletano A, 7, 45; 10.º, Carlos Brito, Liceu de Faro, 7, 51.

Por equipas: 1.ª, Liceu de Faro, 8 pontos; 2.ª, Louletano A, 24 pontos.

Juniors/Seniores (4 500 metros): 1.º, Hélder de Jesus, Benfica, 13 m, 04 s; 2.º, Carlos Cabral, Sporting, 13, 23; 3.º, Leonardo Caetano, individual, 13, 32; 4.º, António Ribeiro, Sporting, 13, 49; 5.º, Laurino Araújo, Sporting, 15, 02; 6.º, Gualdino Viegas, Escola de Faro, 15, 32; 7.º, José António Guerreiro, Algôs e Benfica, 16, 04.

Por equipas: 1.ª, Sporting Clube de Portugal, 11 pontos.

A. C.

Abre hoje a XXXVII Exposição Nacional de Aves em Olhão

Inaugura-se hoje às 17 horas, no edifício do ex-supermercado Manilla, na Avenida da República, em Olhão, a «Expo-Ave Algarve 74», que corresponde à 37.ª Exposição Nacional de Aves Canoras, Ornamentais, Pombos, Galináceos e Palmípedes de Fantasia, Coelho e Cobiças.

Iniciativa da Associação dos Avicultores de Portugal, através da sua filial do Sul, reunirá elevado número de exemplares concorrentes.

Reunião de agentes de viagens no Algarve

Na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve reuniram os representantes das agências de viagens radicadas nesta Província, para estudo de problemas ligados a este sector da actividade turística.

Foi deliberado criar uma tabela unificada de preços mínimos a praticar no sentido de cortar o constante aviltamento de preços e acabar com a exploração ruinosa e indesejável, que se tem vindo a notar e de que se tem aproveitado muitos operadores turísticos estrangeiros, com evidente prejuízo para a economia do País.

Vende-se

Terreno com 6,3280 ha., no sítio de Arão, entre Lagos e Portimão, a 2 Kms. da estrada nacional. Compreende sequeiro e regadio e possui casa para quinteiro.

Resposta a este jornal ao n.º 18 255.

Actividades do Clube Recreativo Santaluziense

Ultimamente a direcção do Clube Recreativo Santaluziense, de Santa Luzia (Tavira), tem estado dependente apenas do tesoureiro, secretário e 1.º vogal, pelo que o Grupo de Acção Sócio-Cultural de Santa Luzia, se prestou, logo no início da sua formação, a ajudá-los nos problemas que surgiram após a renúncia dos outros membros da direcção aos cargos que desempenhavam.

Assim e por acordo mútuo foi resolvido atender um desejo da maioria do povo desta terra: A inscrição dos futebolistas do clube no Campeonato Regional da F. N. A. T. A Casa dos Pescadores de Tavira, aceitou a contribuir de algum modo para o desporto em Santa Luzia, concedendo o privilégio de o clube se inscrever em seu nome, em virtude de estar inscrita na Federação das Colectividades de Recreio e Cultura, sendo portanto proibida a inscrição ao clube. Embora lutando com falta de fundos os responsáveis pelo clube, conseguiram equilibrar as despesas, de modo a garantir a presença dos futebolistas no Campeonato

No domingo jogou-se «em casa», no campo Ventura Duarte, o primeiro desafio, contra a equipa do Hotel Júpiter de Portimão. O resultado, 2-2, não dá lugar a desânimos, antes oferecendo mais entusiasmo para levar avante o propósito de se praticar desporto e sobretudo elevar o nome do clube e da terra.

Amanhã, efectua-se a assembleia geral ordinária, no referido clube, para eleição dos corpos gerentes para 1975.

Rui Salvé Rainha

Oferece-se

Contabilista, chegado de Luanda, com seis anos de experiência em grande empresa. Possui comprovativos.

Emídio Santos — Campo dos Mártires da República, 40 — TAVIRA.

Aluga-se em Portimão

Loja para qualquer ramo comercial e 1.º andar para habitação ou escritório, em prédio acabado de construir.

Trata em Portimão na Rua de S. Pedro, 8-2.º ou em Lisboa pelo telefone 313087.

Foi criado em Vila Real de Santo António o Team Banzai

Como apareceu o Team Banzai? Quais os seus principais planos, a curto prazo? Quais as principais dificuldades encontradas até agora?

«Eis as perguntas a que responde Mário Guerreiro, um jovem de Vila Real de Santo António:

«O Team Banzai nasceu da iniciativa de um grupo de jovens que, gostando dos desportos motorizados e vendo-os tão por baixo no Algarve, decidiram fundar um clube que se ocupasse de assuntos relacionados com os desportos motorizados (Imprensa especializada, motocross, ciclomotor, automobilismo). Este grupo é formado por elementos totalmente desinteressados de adquirir vantagens de qualquer espécie, trabalhando apenas pelo gosto e «carolice» que lhes merecem os desportos motorizados.

Em primeiro lugar tencionamos fazer uma prova de motocross em Vila Real de Santo António, em 15 deste mês, às 15,30 horas, no terreno anexo à Safol. Depois, está planeada uma prova de pericia automóvel, em meados de Janeiro de 1975. Aliás, nós pretendemos que o ano de 1975 seja de grande lançamento do clube, para benefício do desporto motorizado no Algarve.

Temos, principalmente, dificuldades monetárias dado que somos jovens com poucas possibilidades de financiar provas, já que as empresas directamente ligadas aos desportos motorizados demonstram muito pouco interesse, com raras excepções (e aproveito para agradecer uma vez mais a essas poucas empresas que nos têm dado apoio).

O Team Banzai lança desde já um apelo para que todos os interessados em desportos motorizados se informem e contactem com qualquer membro do grupo que está absolutamente ao seu dispor.

Vende-se

Camioneta «MERCEDES BENZ» com P. B. 13 500 Kgs. T. 5 620 Kgs. Mod. 1959/60 com muito pouco uso e em estado de nova. Mostra-se na Rua Manuel Martins Garrocho, 1 — Olhão.

Tratar com: J. Carlos da Cruz — Telef. 72314. — Olhão.

JORNAL DO ALGARVE

Vende-se em Lisboa na Tabacaria Mónaco — Rossio

maior aumento as suas produções com

FERTOR

um fertilizante orgânico

mais barato e melhor que o estrume!

INDISPENSÁVEL em todos os solos e em todas as culturas

aproveita os restos de adubos deixados pelas culturas anteriores

COMPLEMENTO INDISPENSÁVEL dos adubos minerais

não transporta (como sucede com o estrume e os lixos) germes perigosos para o homem

Consulte a SAPEC: Apartado 11 — Setúbal
Telefone 23062/3/4
Agência no Porto
Rua Sá da Bandeira, 746-1.º D
Telefone 23727

um quilo equivale a muitos quilos de estrume
fabricado por: S. E. N. — Ermezinde

FERTOR É FARTURA
AGENTES EM TODO O PAÍS

PESCA DESPORTIVA

TAÇA «LUÍS J. MARTINS»

O Clube dos Amadores de Pesca de Olhão promoveu no molhe leste da barra do porto comum de Faro-Olhão a 1.ª prova para a taça «Luís J. Martins», a qual registou a seguinte classificação: 1.º, Feliciano Norberto Guerreiro, 3 350 pontos; 2.º, Carlos Norberto da Luz, 3 350; 3.º, Mariano Encarnação Campina, 2 825; 4.º, Celestino Cândido Martins, 2 700; 5.º, Laurino da Silva Soares, 2 200 pontos. Participaram 18 concorrentes.

ANDEBOL

MAIS DE TREZENTOS PRATICANTES NUM TORNEIO EM FARO

Dispõe o Algarve de excelentes condições para a prática do andebol de sete. A despeito da inexistência de recintos cobertos (um único pavilhão para toda a Província) o andebol tem muita aceitação e vários torneios se têm disputado, faltando apenas que as tentativas para a sua oficialização conheçam entre nós uma efectiva insistência. Parece-nos agora que estamos em presença de um novo impulso para tal. A R. A. F. — Real Amizade Farense, com o apoio da delegação distrital da Direcção Geral dos Desportos, promove um torneio em que participam 31 equipas, movimentando mais de 300 praticantes. As equipas foram agrupadas em escalões de iniciados/juvenis (13 aos 16 anos, com 19 conjuntos) e juniores/seniores (com 12 formações). Os encontros desenrolam-se aos sábados, domingos e segundas-feiras no Pavilhão Gimnodesportivo de Faro.

Antecedendo a jornada inaugural do torneio efectuou-se no Clube Popular de Faro (vulgo Grémio) uma sessão com projecção de filmes sobre técnica e tática de andebol cedidos pela Federação Portuguesa da modalidade e a que se seguiu amplo debate sobre o desporto em geral.

Egas Moniz foi evocado no Rotary Clube de Faro

Decorreu na terça-feira a reunião semanal do Rotary Clube de Faro, presidida pelo sr. Manuel de Oliveira Miranda, secretariada pelo sr. Fernando Martins e tendo feito o protocolo o sr. Pires Vitória.

A reunião foi dedicada à evocação do prof. Egas Moniz, grande figura de portugueses do nosso tempo e cientista de renome internacional que obteve o único Prémio Nobel concedido a países de língua portuguesa. O dr. Eduardo Mansinho referiu-se ao homenageado como figura política, salientando que a sua alta craveira de cientista havia sido propositadamente minimizada pelo anterior regime, por razões políticas, e o dr. Rocheta Cassiano descreveu o seu perfil de cientista e a sua contribuição valiosíssima para o progresso da medicina, com o seu invento, «artrografia», método que permitiu localizar hematomas cerebrais e tumores no cérebro, durante a guerra mundial 39-45, época em que havia muitos casos criados por aquele conflito. Referiu ainda que este método continua a ser seguido e até foi melhorado pela introdução de substâncias radioactivas, sendo utilizado não apenas no cérebro, mas em outros órgãos opacos aos Raios X.

Da Islândia para o Algarve

Esteve no Algarve um operador turístico de Reykjavik, com o propósito de incrementar a corrente turística da Islândia para o Algarve. Assim, nos meses de Maio e Junho e de Setembro a Novembro, turistas islandeses virão passar as suas férias no Sul de Portugal, viajando directamente de avião entre a capital da Islândia e Faro.

ALGARVE Praia da Rocha

Vende-se apartamento, frente à Fortaleza de Santa Catarina. Informa telef. 22504 — Portimão.

Vende-se em boa conta

Por retirada urgente, rés-do-chão esquerdo do lote 53 da Rua das Oliveiras em Portimão, junto ao Liceu, com 4 assoalhadas e 2 casas de banho. Trata telef. 24702.

PONTO DE VISTA

O DESPORTO EM PORTUGAL (2)

O nosso anterior comentário incidia sobre o futebol profissional, o qual consideramos como «pseudo-desporto». Talvez alguns leitores nos tivessem dado razão, mas estamos em crer que a maioria não concordou com a nossa opinião. No entanto insistimos nesse ponto de vista e julgamo-lo justificável quando somos colocados perante as realidades.

Como é possível consentir que no nosso País um simples trabalhador da bola que, no fundo, nada produz, aufera quantias muito superiores aos que com o seu suor constroem este País? Serão as super-vedetas estrangeiras, que por cá jogam à bola, técnicos especializados que nos ajudam a resolver os graves problemas sócio-económicos que enfrentamos? E os seus ordenados, deveras chorudos, não serão uma fuga de capitais? Não estaremos fomentando um mercado humano, com compras, vendas e empréstimos de homens? E não será pernicioso consentir que o povo, que tantas vezes passa fome para ir à bola, continue a alimentar meia-dúzia de senhores? Quanto custa um bilhete de futebol?

Não podemos pactuar com este tipo de profissionalismo, com esta elitização. O desporto em Portugal foi poeira lançada aos nossos olhos. E cegou-nos. O desporto serviu para enfiar pessoas cujo derrebe posterior não causava distúrbios na ordem pré-estabelecida. Fomentar nas pessoas a ideia de que é possível criar um ídolo e depois destruí-lo a seu bel-prazer, foi uma maneira de nos desviar do verdadeiro local de acção, mas dando-nos a ideia de que éramos capazes de nos impor, de impor a vontade popular. O desporto era também a válvula de escape. Permitia-nos discutir, insultar, agredir, extravasar o nosso íntimo.

Pois bem, se até ao 25 de Abril esta atitude era compreensível, agora já não o é, pois a vontade popular, o derrebe de ídolos de pés de barro, são realidades e constantes na vida nacional, não se tornando necessário recorrer ao desporto para dizermos o que sentimos.

Mas nem só o futebol é, actualmente e na nossa opinião, um «pseudo-desporto». Que ciclismo profissional temos nós? Temos meia-dúzia de provas velocipédicas anualmente, disputadas por meia-dúzia de clubes constituídos por meia-dúzia de rapazes que, de profissionais do pedal, só têm o nome. Eles até têm de comprar o seu próprio equipamento! Que profissionalismo! Porque chamar-lhes nomes? Eles são amadores, verdadeiros desportistas. Aliás, se vissemos unicamente do ordenado e dos prémios do ciclismo, já teriam abandonado a bicicleta.

O profissionalismo do ciclismo ainda é mais ridículo que o do futebol. Não tenhamos ilusões, nem nos deixemos iludir. Só podemos ter profissionais quando o desporto estiver ao alcance de todos e seja praticado por todos. Então, das massas sobressairão os elites e essas, sim, atingirão uma legítima profissionalização desportiva. Até lá, continuamos a considerar os desportos profissionais portugueses, nomeadamente o futebol e o ciclismo, como «pseudo-desportos».

24-11-74

Eduardo Veríssimo de Sousa

Comissões de Recenseamento Eleitoral

Em relação às Comissões de Recenseamento Eleitoral, foram recebidas no Governo Civil de Faro 16 reclamações. Após apreciação de cada caso, o chefe do Distrito deferiu reclamações referentes a membros das comissões das freguesias de Olhão, Vila Real de Santo António, Alvor, Conceição de Tavira, Martinlongo e Santa Bárbara de Nexe e considerou sem fundamento outras sobre membros das comissões das freguesias de Azinhal, Salir, Santa Bárbara de Nexe, Sagres, São Tiago (Tavira) e Algôs.

BRISAS do GUADIANA

ABRE HOJE A MOSTRA FILATÉLICA ALUSIVA AO II CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESTÁ prevista para a tarde de hoje (às 16 horas) no átrio superior do edifício dos Paços do Concelho de Vila Real de Santo António (o átrio que divide as dependências do Tribunal Judicial das da Secretaria Municipal), a inauguração de uma Mostra Filatélica, integrada nas cerimónias comemorativas do II Centenário da Fundação da Vila.

Concorrem vários filatelistas locais, tendo a Câmara feito imprimir um artístico sobrescrito alusivo ao evento.

Junto, ou próximo, da exposição, funcionará uma «estação» dos Correios, onde pessoal habilitado afixará na correspondência que para o efeito lhe for apresentada, um carimbo dedicado à efeméride.

A Mostra Filatélica estará patente ao público até 22 deste mês.

VAI SER INAUGURADO NOS JARDINS DA AVENIDA DA REPÚBLICA O MONUMENTO A ANTÓNIO ALEIXO

Natural de Vila Real de Santo António, o poeta popular António Aleixo, terá no próximo dia 21 a sua festa de consagração na terra que lhe foi berço.

Na tarde daquele dia, as forças vivas e a população poderão assistir na zona dos jardins da Avenida da República que fica fronteira ao antigo Hotel Guadiana, à inauguração do busto do poeta, que será precedida de algumas palavras proferidas por pessoa que com ele conviveu e de perto conhece a sua obra.

A noite, no Cine-Foz, o Grupo de Teatro António Aleixo, do Glória Futebol Clube, exibirá, do poeta, o «Auto do Ti Joaquim» e o «Auto da Vida e da Morte», numa encenação de Aurélio Madeira.

A representação será também precedida de uma palestra sobre a vida e a obra de Aleixo.

OS JOGOS FLORAIS DO II CENTENÁRIO ENCERRAM O CICLO DAS COMEMORAÇÕES DA FUNDAÇÃO DA VILA

Promete revestir-se de brilho a festa dos Jogos Florais comemorativos dos dois séculos de vida de Vila Real de Santo António, que decorrerá no Cine-Foz, na noite de 28 deste mês.

O programa, na altura em que escrevemos estas linhas, não está ainda definitivamente elaborado, prevendo-se que nele tome parte um agrupamento artístico de elevado nível (música, dança ou canto).

Os valiosos prémios (flores em filigrana), destinados aos melhores trabalhos nas diversas modalidades presentes nos Jogos Florais, estão patentes ao público durante alguns dias, nas montras da ourivesaria Cruz, na Rua Teófilo Braga em Vila Real de Santo António.

O prazo de entrega das produções destinadas ao certame termina amanhã, supondo nós que se estenda até segunda-feira, uma vez que

Estudantes de Faro pedem um Instituto Politécnico

UM grupo de jovens estudantes dos estabelecimentos de ensino de Faro enviou ao primeiro ministro do Governo Provisório, ao ministro da Educação e Cultura, ao governador civil do Distrito e ao presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro, o telegrama que passamos a transcrever:

«Reconhecida necessidade imperiosa estudos nível superior sul do país — Algarve, Baixo Alentejo pedimos V. Ex.ª nomeação Comissão Instaladora Instituto Politécnico de Faro. Pede-se não seja mais adiado estudo do problema que é desejo manifestado desde longa data pelas gentes algarvias. Para solução instalações sugere-se contactos com autoridades religiosas para utilização parcial e provisória Seminário de Faro, actualmente com largos espaços livres».

Por ser a criação de um Instituto Politécnico na cidade de Faro, necessidade desde há muito tempo sentida por todos os algarvios e de uma forma geral, por todos os povos do sul do País, esperamos os jovens que a sua pretensão mereça de quem de direito o acolhimento a que tem jus.

amanhã não haverá distribuição de correio.

Os trabalhos, conforme consta do regulamento, devem ser dirigidos à Comissão Organizadora dos Jogos Florais Comemorativos do II Centenário da Fundação de Vila Real de Santo António, com a divisa «originais», para a Câmara Municipal da mesma vila.

J. M. P.

Foram atendidas as reivindicações das operárias conserveiras algarvias

UMA portaria da Secretaria de Estado do Trabalho garante com efeitos retroactivos a partir de 1 de Novembro último, as principais reivindicações apresentadas pelas operárias conserveiras do Algarve.

A portaria faz desaparecer, quanto a salários e à garantia de trabalho, a diferença que até agora era estabelecida entre trabalhadores do primeiro e segundo grupo (os primeiros tinham um mínimo de garantia de trabalho e os segundos não). Relativamente aos restantes salários, foi satisfeito o aumento mínimo exigido, ficando as operárias não permanentes com os salários de 16\$50 por hora e os homens com 22\$00. É garantido para as trabalhadoras não permanentes um mínimo de 24 horas semanais.

Em relação aos restantes salários aplica-se a tabela já em vigor para Matosinhos e que fixa em 15\$80 o salário-hora para aprendizas e em 13\$00 para aprendizas. Passará a ser pago como extraordinário todo o tempo de trabalho que, em cada dia exceda oito horas. A percentagem de aumento é de 50 por cento à hora.

A garantia de trabalho semanal é de 48 horas para os homens e de 24 horas para as mulheres. São abolidas as cadernetas, podendo as trabalhadoras despedir-se com aviso prévio de seis dias.

A nova regulamentação de trabalho para a indústria conserveira do Algarve prevê a constituição de uma comissão técnica com o propósito de efectuar um estudo económico financeiro da indústria que, além de poder servir para melhorar as condições em que a mesma se processa, preparará as negociações directas para um novo contrato colectivo de trabalho, que deve entrar em vigor em 1 de Abril do próximo ano. Os resultados do estudo devem ser apresentados até 20 de Março de 1975.

Assinada também pelo secretário de Estado das Pescas a portaria inclui a garantia de férias pagas (tempo de trabalho e subsídio). Sem distinção de grupos, todos os trabalhadores e trabalhadoras passam a ter direito a férias anuais de 6, 12 ou 18 dias úteis, conforme tenham 2, de 2 a 10, e mais de 10 anos de serviço. O subsídio de férias nunca poderá ser inferior ao salário de uma semana de 48 horas.

As diferenças de salários que resultam da retroactividade a 1 de Novembro findo devem ser pagas juntamente com os salários de

Dezembro em curso. As entidades patronais ficam obrigadas a manter as direcções dos Sindicatos permanentemente informadas quanto a alterações dos quadros de pessoal.

Numerosas operárias conserveiras de Vila Real de Santo António, concentraram-se na tarde de sábado passado junto às instalações do seu Sindicato, desfilando depois pelas ruas da vila com cartazes e «slogans» em que manifestavam gozo por terem sido atendidas as suas reivindicações.

EUCALIPTOS DE MONCHIQUE NA DINAMARCA

A CIDADE dinamarquesa de Holstebro comemorou o seu jubileu de 700 anos, organizando festividades e exposições relacionadas com o acontecimento. Entre estas houve a original iniciativa da Associação de Turismo de Holstebro, de convidar entidades estrangeiras ligadas ao turismo e viagens na Dinamarca para plantarem uma árvore naquela cidade. Das 27 organizações ligadas ao turismo, entre elas as associações turísticas da Alemanha, Itália, Suécia e as companhias de aviação Japan Air Lines, Sterling Airways, Lufthansa, LOT e Finnair, foi Portugal o único país que se fez representar por uma árvore tipicamente portuguesa, o «eucaliptus globulus», com quatro exemplares, que o Centro de Turismo de Portugal em Copenhague importou «clandestinamente» (é interdita na Dinamarca a entrada de plantas com raiz) da Serra de Monchique com a colaboração de um dos seus funcionários que, recentemente, passou férias no Algarve e as transportou para a Dinamarca.

Os eucaliptos foram plantados simbolicamente na praça central de Holstebro, mas devido às condições climáticas da região, serão conservados na estufa do liceu local até a Primavera de 1975, altura em que se tentará transplantá-los para o ar livre. Se vingarem, o Algarve e a Serra de Monchique ficarão para sempre representados na Dinamarca.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve



Participantes de jogos olímpicos do futuro encontraram-se há pouco em Berlim, para o campeonato final dos jogos «Juventude de treina para a Olimpíada». Nesse campeonato participaram as melhores equipas escolares e estudantes da República Federal Alemã. A secção de ginástica das meninas de 11 a 13 anos, de que vemos uma amostra na foto, era constituída por 369 equipas escolares. No total havia 3 247 meninas e meninos, disputando em 8 disciplinas desportivas as melhores classificações.

AINDA O DIVÓRCIO

por José Lira

É TOMANDO atitude idêntica à prosseguida por monsenhor Pardal, no sentido de levar a fim esta polémica que temos vindo a manter — sob o signo da amizade e da confrontação sincera e honesta de pontos de vista — acerca do problema do divórcio (embora se tenham abordado, ligeiramente, assuntos correlativos). Não podemos, contudo, deixar de melhor explicitar as nossas ideias, dado o facto de m. Pardal a elas se ter referido, numa visão, talvez deturpada, das afirmações, neste hebdomadário, afixadas, e por nós aduzidas.

Quando sublinhámos que m. P. assumiu certo ar «paternalista», foi em consideração do que pronunciou: «teria pena de não ter respondido mais pelos leitores do que por mim...». Ora bem: nós quisemos dar, também, uma achegada dentro do que pensamos; e por motivo fácil de compreender. — Nunca nos pareceu que uma exposição unilateral de qualquer matéria fosse, por si só, suficiente. Daqui, a opinião emitida, conquanto despretensiosa.

Permita-nos discordar do que assevera sobre o que, hodiernamente, ocorre com a atitude assumida por parte de católicos perante o casamento civil — «para os católicos, o registro civil é pura mancha legalizada». Senhor cônego, não queremos acreditar que tivesse (ou tenha) em mente a ideia exacta do que essa frase encerra. Não somos casado, mas quer parecer-nos que se trata de uma verdadeira e frontal acusação, infundamentada, bastante grave e lesiva para todos os casais que se encontram nas circunstâncias apontadas. E, nitidamente, o seu juízo, atentatório da dignidade dessas pessoas!

Nós repetimos (e continuaremos a repeti-lo): «toda a gente tem direito a ser feliz, quanto possível». Deixamos ao seu arbítrio o que julgar extrair da nossa asserção. Tenha porém, em atenção (e perdoo-nos, pois não queremos nós «ensinar o Pai-Nosso ao vigário...»), a bondade divina...

Outrossim, reiteramos: «os homens não podem ser coarçatados». Como, bastas vezes, já o dissemos, a Liberdade, para nós, é, essencialmente, um poder de opção perante duas ou mais atitudes dignas para se atingir um fim justo.

Dentro deste princípio, deduzo o que entender...

Tomamos a pôr-lhe a questão sobre a qual se tem silenciado e que envolve a situação dos filhos de cônjuges desavindos — será a melhor solução viverem em ambiente permanente de dura «tensão psicológica» ou «guerra fria»? Não entendeu, julgamos, a nossa intervenção no capítulo das leis. Como se compreenderá, referiamos-nos a leis atinentes à situação jurídica criada pelos actos de casamento efectuados civilmente. E outras leis de âmbito não-espiritual. Leis, portanto, em sentido «material» (desculpe-nos a terminologia errada, mas o apodo utilizado — «sentido material» — é para se fazer o contraponto com leis de ordem moral e religiosa). Assim, reincidimos no mesmo ponto: não há leis «boas», nem «más» — existem, apenas, leis.

O legislador, «ab initio» tem como escopo o alcance da justiça. Se elas (leis) posteriormente, em virtude de mutações de carácter social, se «transformam» quanto à sua justa «ratio», podendo, eventualmente, dar azo a situações injustas, a própria legislação recorrer a um processo — revoga, na íntegra, o preceito jurídico; ou derroga-o nos seus aspectos menos po-

sitivos. Outra questão — e aqui é que pediríamos uma explicação: — não compreendemos como pode existir uma sociedade sem substrato humano...

Tampouco nos é perceptível o seguinte: o sr. cônego diz que a Igreja pode e deve castigar. Castigar... o quê... e de que modo? Então a Igreja não persegue a máxima — tornada universal, por encontrar eco no coração dos homens — do filho de Deus, Jesus Cristo: «Amai-vos uns aos outros»?!

«Sociedade perfeita é aquela à qual nada falta para atingir o seu fim» — resume o p. Pardal. Sinceramente, é demais para nós. Não conseguimos interpretar tal definição, ainda que ligeiramente...

«Não se atribua à Igreja as faltas dos homens», escreve, por outro lado, m. Pardal. Então, sr. cônego, a Igreja não é regida por homens? Então, a Igreja, sem homens, existe?

Na verdade, estamos a ficar com o cérebro obscuro e cheio de interrogações...

Deixámo-nos para o fim e deliberadamente, uma incorrecção de leitura do p. Pardal: não admitimos, totalmente, a indissolubilidade do casamento, efectuado canonicamente, no nosso apontamento saído a lume no dia 9 de Novembro, nas colunas deste semanário. Relembre-se o que dissemos, por outras palavras: E desumano obrigar alguém a permanecer «agarrado» a outro, quando, mediante reflexão séria e profunda, ambos os cônjuges hajam chegado à conclusão de que a sua união não é conveniente, e nada, entranhadamente, os une. Não se pode garantir a felicidade futura das pessoas, embora, a princípio, tudo pareça conducente a que a dita permaneça, no casal, irradiando verdadeira luz e amor, indefinidamente, como seria desiderato almejado e conseguido.

Finalizando: O tema é, sumamente, complicado e tem tantos meandros que é quase difícil esgotá-lo. Mesmo para um católico — como nós — inserido dentro de certas doutrinas e aceitando-as.

Nesta polémica foi nosso intuito chamar um pouco a atenção para as realidades da vida hodierna, que, necessariamente, têm implicações a todos os níveis e em todos os assuntos. Há que procurar compreender estes fenómenos e integrar-se no tempo em que se vive, e na comunidade de que se faz parte. Daí para a frente...

Faro, 2 de Dezembro de 1974



José Guerreiro Neto & F.º, Lda.

SE PRETENDE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

— IMPERMEABILIZAÇÕES: COBERTURAS, PAREDES, FUNDAÇÕES, DEPÓSITOS, ETC.

— PAVIMENTOS INDUSTRIAIS E PECUÁRIOS

— ISOLAMENTOS TÉRMICOS: CÂMARAS FRIGORÍFICAS, COBERTURAS, ETC.

UMA EQUIPA DE PESSOAL ESPECIALIZADO ENCONTRAR-SE-Á AO SEU DISPOR

ESCRITÓRIO: R. PADRE ANTÓNIO VIEIRA—LOULÉ

TELEF. 6 22 83

Mais mil contos

2.º Prémio 3 3 6 4 8

distribuídos a semana finda pela

Casa da Sorte